



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO**

NICOLE KESLEY VASCONCELOS REIS

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PEQUENOS NEGÓCIOS: UM FOCO NO GESTOR

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2020/1**

NICOLE KESLEY VASCONCELOS REIS

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PEQUENOS NEGÓCIOS: UM FOCO NO GESTOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração da Universidade Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão, como requisito parcial, para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Glessia Silva de Lima.

Área: Administração Financeira.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2020/1

NICOLE KESLEY VASCONCELOS REIS

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PEQUENOS NEGÓCIOS: UM FOCO NO GESTOR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Administração da Universidade Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão e aprovado em 03 de fevereiro de 2021.

Profª. Drª. Glessia Silva de Lima. Universidade Federal de Sergipe.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Glessia Silva de Lima. Universidade Federal de Sergipe.

Profª. Me. Thayse Santos Cruz. Universidade Federal de Sergipe.

Prof. Dr. Adriano Santos Rocha Silva. Universidade Federal de Sergipe.

Dedico este trabalho à minha família e amigos,
que me acompanharam e apoiaram durante
esta longa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me abençoou com a vida e me ajudou a passar por todas as dificuldades durante essa jornada, me dando força e capacidade para chegar até meus objetivos.

Agradeço ao meu marido, Felipe Reis, que correu essa maratona comigo, sendo o melhor amigo, colega de classe e parceiro que eu poderia ter, me apoiando, amando e suportando até nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha mãe Clésia Vasconcelos, e ao meu pai Nicolas Alexandre, por acreditarem em mim, me dando amor, apoio, orientação, incentivo para estudar, e lições preciosas até nas suas falhas.

Agradeço às minhas avós, Bernadete Vasconcelos e Gleide Araújo, à todos os meus tios, em especial André Luiz, Desireé Batista, Vitória Estefânia e Clerciane Vasconcelos, ao meu padrasto Paulo Costa, aos meus irmãos Tafnes Vasconcelos, Nicolas Andrew e Ester Vasconcelos, por terem auxiliado o meu crescimento e estado presente na hora que necessitei, me mostrando o quão abençoada sou por tê-los em minha vida.

Agradeço aos meus amigos Emerson Diego, Noemi Alves, Cintia Marielle, Larissa Simões, Thays Santos, Thauane Vidal, Manuela de Jesus, Filipe Jitsuei, Thais Nascimento, que me trouxeram muitos momentos felizes e deixaram sua marca no meu coração.

Agradeço à minha orientadora, Glessia Silva, pela paciência e compreensão, me dando apoio, equilíbrio, clareza e o direcionamento necessário para desenvolver este trabalho.

Agradeço aos professores e servidores do Departamento de Administração que se esforçaram para oferecer um serviço de qualidade e contribuíram positivamente para o meu crescimento.

Por fim, agradeço aos meus colegas de curso que passaram por esse processo comigo, compartilhando experiências e momentos especiais, sempre apoiando uns aos outros.

“Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas; melhor é o longânimo do que o altivo de coração.”

Eclesiastes 7.8

RESUMO

Cada vez mais a educação financeira tem demonstrado a sua relevância para a sociedade ao habilitar os indivíduos a tomar boas decisões financeiras. Concomitantemente, os pequenos negócios atuam em um ambiente limitado e complexo, dependendo única e exclusivamente da capacidade do seu proprietário, que assume o papel do gestor do negócio, responsável pela tomada de decisão. Sendo assim, esse estudo pretende compreender como a educação financeira do gestor influencia a gestão financeira dos pequenos negócios. A presente pesquisa possui uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, utilizando-se do método de estudo de caso, cujas evidências foram coletadas através de entrevistas semiestruturadas com os gestores. A análise da pesquisa revelou que as práticas gerenciais de longo prazo são influenciadas pela atitude financeira, em relação ao uso de planejamento financeiro. As práticas e desafios gerenciais de curto prazo são influenciados pelo comportamento financeiro, no que diz respeito ao uso de crédito, pagamento de contas, acompanhamento e controle das finanças, reserva financeira, ausência ou presença de problemas financeiros. Por fim, as decisões de investimento e financiamento são influenciadas pelo conhecimento financeiro sobre a relação de risco e retorno, diversificação, juros, e juros sobre empréstimo, e pelo comportamento financeiro de analisar sua capacidade financeira antes de fazer uma aquisição. Demonstrando assim, que quanto maior for o nível de educação financeira do gestor melhor será a gestão financeira da pequena empresa e evidenciando a importância da educação financeira dos gestores para assegurar segurança, lucratividade e liquidez às finanças dos pequenos negócios.

Palavras Chave: Educação financeira. Pequenos negócios. Gestão Financeira. Papel do gestor.

ABSTRACT

Increasingly, financial education has shown its relevance to society by enabling individuals to make good financial decisions. Concomitantly, small businesses operate in a limited and complex environment, depending solely and exclusively on the capacity of their owner, who assumes the role of the business manager, responsible for decision making. Therefore, this study aims to understand how the financial education of the manager influences the financial management of small businesses. The present research has a qualitative approach of a descriptive character, using the case study method, whose evidence was collected through semi-structured interviews with managers. The research analysis revealed that long-term management practices are influenced by the financial attitude, in relation to the use of financial planning. Short-term management practices and challenges are influenced by financial behavior, with regard to the use of credit, bill payment, monitoring and control of finances, financial reserve, absence or presence of financial problems. Finally, investment and financing decisions are influenced by financial knowledge about the risk and return ratio, diversification, interest, and interest on loan, and by the financial behavior of analyzing your financial capacity before making an acquisition. Demonstrating that the higher the level of financial education of the manager, the better the financial management of the small business will be and evidencing the importance of financial education for managers to ensure security, profitability and liquidity for small business finances.

Keywords: Financial education. Small business. Financial management. Manager's role.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Unidade e subunidades de análise.....	33
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Competências gerenciais em pequenas empresas.....	22
Quadro 02 - Demonstrações financeiras.....	24
Quadro 03 - Respostas do elemento de análise: conhecimento financeiro.....	32
Quadro 04 - Categorias analíticas e elementos de análise.....	35
Quadro 05 - Critérios de validade e confiabilidade.....	37
Quadro 06 - Conhecimento financeiro dos gestores.....	54
Quadro 07 - Comportamento financeiro dos gestores.....	55
Quadro 08 - Atitudes financeiras dos gestores.....	56
Quadro 09 - Elementos de análise da educação financeira dos gestores.....	57
Quadro 10 - Gestão financeira dos pequenos negócios.....	62
Quadro 11 - Aspectos da gestão financeira influenciados pela educação financeira do gestor.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANBIMA - Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais.

BP - Balanço Patrimonial.

DFC - Demonstração do Fluxo de Caixa.

DRE - Demonstração de Resultado do Exercício.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor.

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SPC - Serviço de Proteção ao Crédito.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Justificativa.....	14
1.2	Problema de Pesquisa.....	16
1.3	Objetivos de Pesquisa.....	16
1.3.1	Objetivo Geral.....	16
1.3.2	Objetivo Específicos.....	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	Educação Financeira	17
2.2	O Papel do Gestor nos Pequenos Negócios	20
2.3	Gestão Financeira.....	23
3	METODOLOGIA.....	30
3.1	Questões de Pesquisa.....	30
3.2	Caracterização da Pesquisa.....	30
3.3	Método de Pesquisa.....	31
3.4	Fontes de Evidências.....	31
3.5	Unidades de Análise.....	33
3.6	Critérios de Seleção de Casos.....	34
3.7	Definição Constitutiva.....	34
3.8	Categorias Analíticas e Elementos de Análise.....	35
3.9	Protocolo de Estudo.....	36
3.10	Critérios de Validade e Confiabilidade.....	36
3.11	Técnica de Análise dos Dados	37
4	DESCRIÇÃO DOS CASOS	38
4.1	Caso A.....	38
4.1.1	Educação Financeira do Gestor.....	38
4.1.2	Gestão Financeira do Pequeno Negócio.....	40
4.1.3	Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor.....	41
4.2	Caso B.....	42
4.2.1	Educação Financeira do Gestor.....	42
4.2.2	Gestão Financeira do Pequeno Negócio.....	44
4.2.3	Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor.....	46
4.3	Caso C.....	46
4.3.1	Educação Financeira do Gestor.....	47
4.3.2	Gestão Financeira do Pequeno Negócio.....	48
4.3.3	Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor.....	49
4.4	Caso D.....	49
4.4.1	Educação Financeira do Gestor.....	50
4.4.2	Gestão Financeira do Pequeno Negócio.....	51
4.4.3	Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor.....	52
5	ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS.....	54

5.1	Educação Financeira do Gestor.....	54
5.2	Gestão Financeira do Pequeno Negócio.....	57
5.3	Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor.....	63
6	Conclusões.....	67
6.1	Principais Contribuições, Limitações e Sugestões para Pesquisas Futuras.....	68
	REFERÊNCIAS.....	70
	APÊNDICE A - Roteiro das entrevistas.....	77
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento.....	80

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira abrange a gestão do dinheiro em contextos como poupar, usar crédito, fazer investimentos, planejamentos, e orçamentos, e preparar-se para a aposentadoria (FERREIRA, 2015). Segundo a OCDE (2011, p. 3, tradução nossa), ela pode ser definida como “uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras para alcançar o bem-estar financeiro”.

A importância da educação financeira tornou-se mais evidente com o início da crise financeira de 2008, ao expor a necessidade dos países criarem programas e estratégias com a finalidade de preparar os cidadãos para se moverem em economias complexas, diminuindo sua exposição a riscos sistêmicos ou pessoais, no que diz respeito às finanças (FERREIRA, 2015).

É importante salientar que o grau de educação financeira de um indivíduo é equivalente ao seu grau de conhecimento dos conceitos financeiros, e este conhecimento afeta a qualidade das decisões financeiras (ZERRENNER *et al.*, 2006). A tomada de decisão é uma parte fundamental do trabalho de um gestor, e a qualidade dessas decisões influencia profundamente a performance organizacional (SOBRAL; PECI, 2008).

Segundo Sobral e Peci (2008, p.6), “os administradores ou gestores são os membros que têm como função guiar as organizações de forma a alcançar seu propósito”. Independentemente da organização em que atuem, os gestores planejam, organizam, dirigem e controlam; utilizando uma rede de informações, se relacionando com pessoas e tomando decisões (SOBRAL; PECI, 2008).

Nas pequenas empresas a figura do gestor geralmente é representada pelo dono que incorpora a sua visão de negócio na empresa (SILVA; DACORSO; MONTENEGRO, 2016). No entanto, é importante observar que os fundadores possuem limitações enquanto gestores, quando estes não são profissionais de gestão, podendo fracassar quando há necessidade de utilizar boas práticas gerenciais, pois demonstram orientações abaixo da linha profissional (LONGNECKER *et al.*, 2007), sendo a falta de capacitação em gestão uma das grandes causas da mortalidade das empresas no Brasil com menos de dois anos (SEBRAE, 2016).

Diferentemente de grandes empresas, as pequenas empresas possuem limitações que atrapalham a gestão, como a falta de caixa, as fontes de capital limitadas e a carência de

equipe profissionalizada, por isso são especialmente suscetíveis a gestão deficiente (LONGNECKER et al, 2007) e mais afetada pela baixa educação financeira do gestor (COSTA JUNIOR; CLARO, 2013), especialmente no contexto da pandemia gerada pelo COVID-19, onde a maior parte destas sofreram mudanças em seu funcionamento, mudando-o ou interrompendo-o, gerando consequentemente queda de faturamento (SEBRAE, 2020).

Perante as informações acerca da educação financeira e a sua importância para a qualidade da tomada de decisões financeiras, bem como acerca das limitações dos gestores de pequenas empresas e importância de uma gestão eficiente para o seu sucesso, o presente trabalho pretende pesquisar a influência que a educação financeira dos gestores, enquanto tomadores de decisões, exerce sobre a gestão financeira das pequenas empresas, através da metodologia de estudo de caso múltiplo.

1.1 Justificativa

Segundo o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, instituído pela Lei Complementar nº123/2006, os pequenos negócios no Brasil correspondem às empresas de pequeno porte, às microempresas, e aos microempreendedores individuais (BRASIL, 2006).

Os pequenos negócios possuem grande relevância para o país, representando cerca de 53,9% dos empregos privados não agrícolas formais no país; 43,6% da massa de salários; 99% dos estabelecimentos brasileiros, sendo 45,2% destes no comércio, onde sua atuação é mais expressiva, 39,1% nos serviços, 10,4% na indústria, e 5,2% no setor de construções, em 2015 (SEBRAE, 2017); e são responsáveis por 27% do Produto Interno Bruto do país (SEBRAE, 2014). No mês de janeiro de 2019, foram responsáveis pela geração de 60,7 mil empregos formais celetistas, sustentando a geração de empregos na economia, enquanto as médias e grandes empresas registravam uma extinção de 25,7 mil empregos (SEBRAE, 2019).

A importância das pequenas empresas para o país, através da geração de emprego, produção de bens e serviços e participação na economia, exige um olhar mais detalhado na gestão financeira dessas empresas, uma vez que “a realização dos objetivos empresariais exige a administração segura e eficiente dos recursos financeiros, o ‘sangue’ de uma organização” (SOBRAL; PECI, 2008, p. 360).

As micro e pequenas empresas geralmente são gerenciadas pelos fundadores da empresa (SILVA; DACORSO; MONTENEGRO, 2016), cuja iniciativa de empreender foram

motivadas, na maioria das vezes, pelo desemprego (GEM, 2019) e, portanto, demonstram-se limitados enquanto gestores, quando não são profissionais de gestão, necessitando lidar com as deficiências financeiras particulares das pequenas empresas, como a falta de caixa e fontes de capital limitado (LONGNECKER *et al.*, 2007). Portanto, a educação financeira tem grande relevância ao gestor das micro e pequenas empresas, visto que influencia as decisões financeiras do pequeno negócio.

No Brasil, as pesquisas sobre educação financeira da população mostram que 63% dos brasileiros controlam suas finanças, no entanto, 62% destes sentem dificuldades na tarefa e acabam pecando na forma como administram seus gastos, e 73% admitiram que houve momentos onde os gastos superaram as receitas, sendo que 19% recorreram ao cartão de crédito e 16% fizeram empréstimos em instituições financeiras como meio de pagar as dívidas (SPC BRASIL, 2019a). Além disso, as pesquisas também apontam que 59% dos brasileiros não se preparam para aposentadoria (SPC BRASIL, 2019b), dos 20% dos usuários de cheque especial, 40% o utilizam todos os meses (SPC BRASIL, 2019c), 32% poupam, mas apenas 42% são destinadas a investimentos financeiros, sendo a caderneta de poupança o destino de 89% destes (ANBIMA, 2018).

Os dados acima demonstram a má qualidade da educação financeira dos brasileiros em relação ao controle de gastos, uso de crédito, preparação para aposentadoria, e investimentos. Essa falta de qualidade pode trazer danos não apenas na perspectiva do bem estar pessoal dos indivíduos, como descontrole nas contas domésticas e a inserção do nome ao sistema do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito), mas também na perspectiva do bem estar da sociedade, onde, em um caso extremo, pode levar a sobrecarga no sistema público (ZERRENNER *et al.*, 2006) e dificultar o desenvolvimento econômico do país (CAMPOS, 2015).

Observando as informações acerca da qualidade da educação financeira brasileira e acerca da importância das pequenas empresas no país, o presente trabalho pretende contribuir tanto para a exploração do tema educação financeira no Brasil, com foco no mundo empresarial, como também contribuir para as pesquisas de gestão financeira em pequenas empresas, associando os temas e trazendo resultados que tragam uma nova perspectiva sobre ambos os assuntos, podendo vir a ser um alerta e estímulo a gestores de pequenos negócios sobre a sua importância.

1.2 Problema de Pesquisa

Cada vez mais a educação financeira tem demonstrado a sua importância ao instruir a população sobre como tomar decisões financeiras, a fim de alcançar o bem-estar financeiro e diminuir sua exposição ao risco; influenciando diretamente na qualidade das decisões financeiras. Em paralelo a isso, os pequenos negócios atuam em um ambiente complexo e limitado onde uma boa gestão se faz necessária para a sua sobrevivência. Devido às suas limitações, a gestão dos pequenos negócios depende do seu gestor e suas habilidades conceituais, humanas e técnicas. Portanto, se faz necessário entender o problema: **como a educação financeira do gestor influencia a gestão financeira de pequenos negócios?**

1.3 Objetivos de Pesquisa

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender como a educação financeira do gestor influencia a gestão financeira de pequenos negócios.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Entender o nível de educação financeira do gestor;
- b) Entender como é feita a gestão financeira dos negócios;
- c) Compreender se há aspectos da gestão financeira do negócio que são determinados pelo nível de educação financeira do gestor.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Marconi e Lakatos (2003), o objetivo de um estudo científico não é somente o de apresentar um relatório com a descrição das informações obtidas, mas desenvolver uma interpretação sobre elas. Para alcançar esse objetivo faz-se necessário relacionar a pesquisa com a sua teoria, de forma que esta forneça a base para interpretar os resultados encontrados (MARCONI; LAKATOS, 2003). Sendo assim, a presente seção apresenta o embasamento teórico desta pesquisa, dividido em três subseções: a educação financeira, o papel do gestor nos pequenos negócios, e a gestão financeira.

2.1 Educação Financeira

Para a OCDE (2005), a educação financeira é um processo onde as pessoas desenvolvem seu entendimento sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, a fim de saber onde se informar a respeito, tomar decisões e atitudes que proporcionem a sua tranquilidade financeira. É importante ressaltar que não há padronização da sua nomenclatura na literatura, e por vezes pode ser denominada como alfabetização financeira ou capacitação financeira (CANTON; BARICHELLO, 2019; FERREIRA, 2015).

A educação financeira de um indivíduo pode ser demonstrada através do seu conhecimento sobre os principais conceitos financeiros¹, do seu comportamento ao fazer orçamentos, compras, pagamentos de contas, e empréstimos para pagar despesas, e das suas atitudes em relação ao planejamento financeiro, se poupa para o futuro ou se prioriza as vontades de curto prazo (OCDE, 2013).

O desenvolvimento do mercado financeiro, o aumento do crédito, e a finitude dos recursos públicos e privados, evidenciaram a necessidade da população em adquirir compreensão sobre questões financeiras, visando a gestão eficiente dos recursos monetários (SILVA, 2017; POTRICH, 2015; FERREIRA, 2015). Esses fatores destacaram a importância da educação financeira para a população, pois é por meio dela que os indivíduos adquirem consciência sobre as variáveis envolvidas no processo de decisão financeira e utilizam ferramentas que auxiliam essa tomada de decisão, possibilitando assim a gestão eficiente dos recursos (POTRICH, 2015).

¹ Divisão, valor do dinheiro no tempo, inflação, juros sobre empréstimos, juros simples e composto, risco e retorno, e diversificação. (OCDE, 2013).

Quando os indivíduos estão devidamente instruídos, estão aptos a enfrentar as questões financeiras do dia a dia, sejam elas previstas ou não, avaliando a repercussão na sua vida e na vida da sua família (PINHEIRO, 2008); sabendo analisar criteriosamente diferentes opções de pagamento, ao utilizar o crédito para aquisição de produtos bens ou serviços (COSTA JUNIOR; CLARO, 2013), e escolher a que lhe trará mais benefícios (PINHEIRO, 2008), estando menos propenso a ser levado por questões irracionais do processo decisório (KICH, 2018).

Por meio da educação financeira o indivíduo também torna-se apto para adquirir segurança financeira, por meio do hábito de poupar e planejar suas finanças, tendo em vista a formação de investimentos que melhor atenda ao seu perfil; garantindo para si uma melhor qualidade de vida, ao eliminar fatores como estresses e preocupações que afetam pessoas inadimplentes e com finanças em situações graves (GONÇALVES; PONCHIO, 2018; WISNIEWSKI, 2011). Dessa forma, também é possível focar no futuro, atribuindo para si a responsabilidade pela sua aposentadoria ao prover uma previdência complementar, relevante à população após as mudanças e reformas nos sistemas públicos de seguridade social e planos previdenciários (PINHEIRO, 2008).

A educação financeira contribui para o entendimento da importância do dinheiro desde a infância, tanto na compreensão do seu valor como do uso correto do mesmo; propicia aos jovens conhecimento para conquistar independência, proporciona aos adultos conquistas que darão uma melhor qualidade de vida para sua família, acessando bens expressivos e construindo um futuro bem estruturado; por meio do uso do planejamento financeiro (PINHEIRO, 2008).

Ao melhorar o entendimento das pessoas acerca das questões financeiras e desenvolvendo a capacidade de gestão das finanças, a educação financeira também contribui para fortalecer a economia do país ao proporcionar mais competitividade e eficiência ao mercado (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Segundo Wisniewski (2011, p. 6), “a educação financeira é uma variável fundamental dentro do processo de desenvolvimento das economias”, isto porque coopera para estabilidade financeira dos sistemas econômicos, pois através dela a população está menos propensa a descumprir suas obrigações, levando a redução das taxas de inadimplência e níveis de endividamento familiar e, favorecendo a poupança e a capacidade de investimentos do país

(PINHEIRO, 2008; BRÖNSTRUP; BECKER, 2016; CAMPOS, 2015; VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Como consequência desses fatores é possível ampliar a produção e o acesso a bens e serviços; tornar os mercados mais competitivos e eficientes, fomentando a elaboração de produtos e serviços de maior qualidade; e acrescentar liquidez aos mercados de capitais, fator fundamental para estimular o crescimento, o emprego, e o bem estar da sociedade (PINHEIRO, 2008; WISNIEWSKI, 2011).

Como é perceptível a presença da educação financeira na vida de um indivíduo pode influenciar positivamente a si, a sua família, e a sociedade em que habita; dessa forma, também é verdade afirmar que a sua ausência traz impactos negativos para estes (PINHEIRO, 2008; SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007). Individualmente, essa ausência pode causar erros na tomada de decisão que somada a falta de planejamento, provocam desordem nas contas domésticas, e consequentemente, insere essas pessoas em problemas com a inadimplência (BRÖNSTRUP; BECKER, 2016; SANTIAGO, 2015). Estes acontecimentos têm repercussão na esfera social e geram danos que vão desde o crescimento nas taxas de inadimplência e endividamento, a crises financeiras como a de 2008 (FERREIRA, 2015; WISNIEWSKI, 2011).

Além desses efeitos que podem comprometer a economia, famílias e indivíduos; a ausência de educação financeira também surte efeitos nas empresas, aumentando a possibilidade de fracasso nos empreendimentos (AMORIM; XAVIER FILHO, 2019). O fato de os gestores possuírem baixos níveis de educação financeira, associado à falta de capital de giro, faz com que passem por dificuldades financeiras e, por consequência, entrem para os grupos de devedores, deixando de utilizar subsídios do governo através de linhas de financiamento (COSTA JUNIOR; CLARO, 2013), podendo assim chegar a falência (SEBRAE, 2016).

Ao possuir educação financeira os proprietários-gestores terão os conhecimentos e instrumentos necessários para definir preço; calcular devidamente as despesas, custos relativos à linha de crédito, receitas e impostos; elaborar fluxo de caixa; e elaborar um planejamento financeiro, instrumento que poderia solucionar ou minimizar os problemas supracitados ao auxiliar a tomada de decisão, visto que, o endividamento se refere a uma decisão tomada no presente que repercutirá no futuro (COSTA JUNIOR; CLARO, 2013).

Para Dias (2018), investir na educação financeira é crucial para uma boa gestão financeira, pois é através dela que os indivíduos aprendem a administrar bem os recursos e aumentam a probabilidade de obter êxito nos negócios, diminuindo assim o risco da empresa entrar em falência. Portanto, é necessário que os donos de pequenos negócios adquiram educação financeira primeiramente, para que assim desenvolvam a habilidade de gerir os recursos financeiros da empresa (SILVA; NASCIMENTO, 2019).

Dessa forma, a educação financeira voltada às empresas se qualifica como uma forma de promover a sua sobrevivência e uma boa performance financeira (BRUCKHEIMER; MARCON; PINTER, 2017). No entanto, é importante ressaltar que a educação financeira empresarial requer um foco maior no gestor dessas empresas, visto que a limitação da sua racionalidade, bem como, a sua formação básica de gestão interfere no processo financeiro da empresa (COSTA JUNIOR; CLARO, 2013).

2.2 O Papel do Gestor nos Pequenos Negócios

No contexto atual as empresas atuam em um ambiente cada vez mais globalizado, complexo e competitivo, sofrendo influências tanto do ambiente externo à organização quanto do ambiente interno, dependendo cada vez mais de uma boa gestão para alcançar o sucesso e lidar com as incertezas e imprevisibilidades do ambiente que está estabelecida (SOBRAL; PECI, 2008).

Os gestores são as pessoas responsáveis por conduzir essas empresas, definindo os objetivos a serem alcançados, bem como as estratégias e ações a serem executadas para atingi-lo, distribuindo e alocando as atividades e os recursos a serem utilizados, liderando e coordenando os colaboradores na execução de suas funções, monitorando e avaliando o desempenho, para que dessa forma a organização atinja o seu propósito (SOBRAL; PECI, 2008).

No exercício da sua função o gestor desempenha diferentes papéis diariamente, executando tarefas variadas em um curto espaço de tempo, portanto, para entender o seu trabalho é importante conhecer a sua forma de atuação dentro do contexto da organização, bem como as habilidades que lhe são necessárias para a execução do seu trabalho (SOBRAL; PECI, 2008).

As habilidades imprescindíveis a um administrador podem ser divididas em três: as habilidades humanas, que diz respeito à capacidade do gestor desenvolver relacionamentos interpessoais, de forma que através desses relacionamentos possa motivá-los, auxiliá-los

liderá-los, as habilidades conceituais, que concerne à capacidade do gestor de assimilar e associar todos os assuntos pertinentes a organização para embasar suas decisões, e as habilidades técnicas, que corresponde a capacidade do administrador de fazer uso de métodos, ferramentas e procedimentos que lhe permitam executar atividades e tomar decisões de conhecimento específico (SOBRAL; PECI, 2008).

Dotados destas habilidades os gestores atuam dentro da empresa desempenhando diversos papéis que lhe são atribuídos: representando sua organização como símbolo, desenvolvendo relacionamentos internamente e externamente como elo de ligação, direcionando os membros da organização como líder, colhendo e analisando informações como monitor, partilhando tais informações internamente como disseminador e externamente como porta-voz, e como tomador de decisões ao identificar oportunidades para a empresa, solucionar conflitos que impeçam o bom funcionamento da organização, gerir e alocar os recursos, e representar sua empresa em negociações externas (SOBRAL; PECI, 2008).

Independentemente do tamanho da empresa ou do nível hierárquico, o papel do gestor não se modifica, entretanto, modifica a importância que o gestor atribui a cada papel, por exemplo, em grandes empresas a medida que um administrador sobe na hierarquia reduz-se a necessidade de direção e supervisão de liderados ampliando a necessidade de servir ao ambiente organizacional como um todo, diminuindo assim a importância dada ao papel de líder e aumentando a importância do papel de disseminador e de porta-voz (SOBRAL; PECI, 2008). Por esse motivo é importante conhecermos o gestor e as suas competências dentro de seu ambiente de atuação, no caso deste trabalho as pequenas empresas.

As pequenas empresas possuem características singulares que as fazem diferente das grandes empresas, os estudos demonstram que as principais características que as distinguem estão ligadas a carência de recursos tanto financeiros, quanto de pessoal, devido à dificuldade de financiar suas atividades, e a gestão informal centralizada especialmente na figura do proprietário (SOUZA; QUALHARINI, 2007; CEZARINO; CAMPOMAR, 2006; LONGNECKER et al., 2007).

O papel do gestor nos pequenos negócios geralmente é exercido pelo proprietário, cujo conhecimento e experiência advém de sua atividade anterior, mudando a sua condição de empregado-colaborador para empresário-gestor (MONTEIRO; BARBOSA, 2011), responsável pela ação e supervisão de todas as atividades diárias da organização, tomando todas as decisões importantes relativa a ela, fazendo com que toda a empresa seja uma

extensão da sua pessoa e que a sua manutenção e sobrevivência dependa exclusivamente dela (SOUZA; QUALHARINI, 2007).

Entretanto, para que o gestor faça a empresa alcançar os seus objetivos é necessário que este possua competências gerenciais que o permita agregar valor ao seu negócio, destacadas por Pelissari, Gonzalez e Vanalle (2011), em sua pesquisa sobre competências gerenciais em pequenas empresas no setor de confecções. Seguem sintetizadas no quadro 01, a relação de tais competências.

Quadro 01 - Competências gerenciais em pequenas empresas.

-Competências Técnicas	• Domínio técnico dos processos. • Capacidade de identificar e solucionar problemas. • Orientação para custos e resultados. • Capacidade de inovar tecnologicamente.” (PELISSARI; GONZALEZ; VANALLE, 2011, p.166).
- Competências Humanas	• Capacidade de liderar e participar de equipes para atingimento das metas. • Prática da competência social, comunicação. • Capacidade de motivar e envolver a equipe. • Abertura para adaptar-se às mudanças.” (PELISSARI; GONZALEZ; VANALLE, 2011, p.166).
- Competências Conceituais	• Visão do negócio em sua totalidade. • Capacidade de inter-relacionar a realidade externa com a condução do negócio. • Capacidade de entender conceitos e transferi-los para a realidade do negócio. • Capacidade de integrar sua parte para contribuir no negócio.” (PELISSARI; GONZALEZ; VANALLE, 2011, p.166).
- Competências Gerais	• Negociação, mobilização para a mudança. • Sensibilidade cultural e trabalho em times. • Habilidades gerenciais para manejar os recursos materiais e humanos disponíveis. • Atitudes adequadas. • Ética responsável e humana para com o grupo com o qual atua. • Aprendizagem experiencial. • Compreensão do negócio, seus objetivos na relação com o mercado. • Como lidar com os clientes e competidores, assim como, com o ambiente político e social.” (PELISSARI; GONZALEZ; VANALLE, 2011, p.166-167).

Fonte: Pelissari, Gonzalez e Vanalle (2011, p.166-167).

Apesar da necessidade do gestor obter as competências supracitadas, os gestores de pequenas empresas tendem a dar maior ênfase nas competências técnicas e conceituais, pois como gestores de uma pequena organização consideram mais importante ter conhecimento sobre o seu negócio para assim aproveitar as vantagens competitivas (PELISSARI; GONZALEZ; VANALLE, 2011).

É importante ressaltar que possuir tais competências aliadas a iniciativa de criar e estabelecer um negócio é diferente de apenas executar a vontade de abri-lo, sendo elas um fator chave para a sobrevivência deste, e portanto, o gestor deve empreender esforço para

obtê-las investindo em seminários, cursos e congressos que desenvolva as suas habilidades e conhecimentos (PELISSARI; GONZALEZ; VANALLE, 2011).

Segundo Silva e Scheffer (2015), os gestores de pequenos negócios apresentam dificuldade em recorrer a meios formais para buscar conhecimento, dando preferência às informações obtidas através dos seus contatos, concorrentes e fornecedores. Essa ausência de capacitação dos administradores faz com que sejam tomadas decisões equivocadas baseadas nas experiências e sentimentos deste com foco em curto prazo, que pode comprometer o futuro da empresa lhe trazendo prejuízos (MONTEIRO; BARBOSA, 2011; SILVA; SCHEFFER, 2015).

Dentre os diversos conhecimentos necessários ao gestor das pequenas empresas para promover a sua longevidade os relativos a gestão financeira são os que os gestores apresentam maior dificuldade, pois são considerados difíceis e requerem alto grau de conhecimento específico, motivo que faz com que eles percam o interesse em adquiri-los (VOGEL; WOOD JÚNIOR, 2012).

Esse desinteresse em adquirir competências para área financeira associada a limitação de seus recursos pode trazer danos à gestão financeira desses negócios, prejudicando não apenas a sua sobrevivência, como também inibindo o seu crescimento (VOGEL; WOOD JÚNIOR, 2012). Portanto, é importante estudarmos como é feita a gestão financeira das pequenas empresas, prática determinante do sucesso destas (VOGEL; WOOD JÚNIOR, 2012).

2.3 Gestão Financeira

Segundo Sobral e Peci (2008, p. 360), “ a administração financeira compreende o conjunto de atividades relacionadas com a gestão do fluxo de recursos financeiros da organização”, com o objetivo de obter a captação e alocação de capital mais oportuna e vantajosa, de forma que mantenha a qualidade da sua situação financeira e alcance as metas e objetivos da organização (ASSAF NETO, 2012). De fato, uma boa administração financeira é essencial para alcançar os objetivos organizacionais, pois quando há problemas na gestão financeira a empresa passa por crises, independentemente de quão bons sejam seus produtos, funcionários, e relacionamento com clientes (SOBRAL; PECI, 2008), e perde oportunidades de investimentos interessantes, especialmente em épocas de crescimento das taxas de juros (ASSAF NETO, 2012).

As funções da gestão financeira dentro das empresas são voltadas para o planejamento, análise e controle das finanças, gestão de ativos² e passivos³ (SOBRAL; PECI, 2008; ASSAF NETO, 2012). Para auxiliar a execução dessas funções e a tomada de decisão tanto de investimento⁴ quanto de financiamento⁵, é necessário que o gestor utilize ferramentas que o informe sobre os recursos e o desempenho do negócio, essas ferramentas são denominadas como demonstrações financeiras (SOBRAL; PECI, 2008). Longnecker *et al.* (2007), em seu livro sobre gestão de pequenas empresas, afirma que há três demonstrações básicas que entregam essas informações, são elas o balanço patrimonial, a demonstração do resultado do exercício, e a demonstração de fluxo de caixa. O quadro 02, segue expondo a funcionalidade de cada demonstrativo.

Quadro 02 - Demonstrações financeiras

Demonstrativo	Funcionalidade
Balanço Patrimonial	"[...] demonstração contábil [financeira] que tem por objetivo demonstrar onde e em que condições a empresa está captando recursos, ou seja, quem está financiando a empresa e, ainda, como a empresa está aplicando e investindo esses recursos, numa determinada data." (ROSETTI et al., 2008, p. 56). Ferramenta necessária para conhecer o valor das captações e aplicações e o retorno alcançado (ROSETTI et al., 2008).
Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)	"Indica o total de lucros ou prejuízos gerado pela empresa em dado período, mensal ou anualmente." (LONGNECKER et al, 2007, p.168). Ferramenta necessária para conhecer a lucratividade do negócio, bem como suas receitas, impostos, custos e despesas. (LONGNECKER et al, 2007; ASSAF NETO, 2012).
Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC)	Demonstração que "[...]centra sua atenção nas origens e aplicações de caixa, ou seja, revela onde os recursos de caixa foram obtidos e onde foram investidos, no exercício" (ASSAF NETO, 2012, p. 107). Ferramenta fundamental para analisar a situação financeira de um negócio, conhecendo sua real liquidez (ASSAF NETO, 2012).

Fonte: Rosetti et al.(2008); Longnecker et al (2007); Assaf Neto(2012).

Apesar da contribuição destas ferramentas a maior parte das micro e pequenas empresas fazem pouco uso destes demonstrativos, utilizando-os na maioria das vezes apenas por exigência legal e fiscal, sem fazer uso das informações contidas nestas ferramentas (SANTOS, 2019; RODRIGUES; MELO; LEONE, 2015).

Além de não utilizar as ferramentas que demonstram a situação financeira e patrimonial dos seus negócios, as pequenas empresas também não elaboram um planejamento

² "Termo que reflete todos os direitos e benefícios futuros". (ASSAF NETO, 2012, p.740).

³ "Engloba as obrigações (dívidas) exigíveis da empresa perante terceiros". (ASSAF NETO, 2012, p. 749).

⁴ "Decisão de aplicação de capital com o objetivo de obter um retorno que remunere seu risco." (ASSAF NETO, 2012, p.746).

⁵ "Operação de captação de recursos [financeiros]." (SOBRAL; PECI, 2008, p.374).

financeiro (SANTOS, 2019; RODRIGUES; MELO; LEONE, 2015), se expondo a situações imprevistas que serão onerosas aos negócios (VOGEL; WOOD JR, 2013).

O planejamento financeiro é uma ferramenta fundamental para manter a sobrevivência das pequenas empresas devido ao seu baixo capital de giro (ROSA; LIMA, 2014), pois orienta as decisões financeiras a serem tomadas, declarando através de orçamentos (operacionais, de investimentos e de caixa) e de projeções das demonstrações financeiras os recursos necessários para atingir os objetivos empresariais (GITMAN, 2010; ROSETTI *et al.*, 2008).

É importante ressaltar que além desse aspecto, o planejamento financeiro também servirá como parâmetro para a análise e controle das finanças no decorrer do período, através do uso de índices econômico-financeiros de liquidez, atividade, rentabilidade e endividamento que fornecerão um diagnóstico da situação financeira, não apenas demonstrando ao gestor as consequências das decisões financeiras anteriores, mas também dando suporte para as decisões posteriores na gestão de ativos e passivos (GITMAN, 2010; ROSETTI *et al.*, 2008; SOBRAL; PECI, 2008).

A gestão de ativos preocupa-se em tomar decisões de investimentos com a finalidade de alcançar o melhor resultado financeiro em termos de risco e retorno (ROSETTI *et al.*, 2008), obtendo o máximo retorno com o mínimo de risco possível (GITMAN, 2004), visto que, as decisões financeiras são voltadas para acontecimentos futuros sem certeza de seus resultados (ASSAF NETO, 2012). Em geral, os gestores tendem a ser avessos ao risco e por isso exigem retornos maiores para riscos mais altos (GITMAN, 2004).

Para suprir a necessidade de conseguir maior retorno com menor risco, o gestor pode utilizar a estratégia da diversificação, onde é possível combinar ativos com diferentes riscos em um portfólio, de forma que o risco de um ativo compense o risco de outro, diminuindo assim o risco total (ASSAF NETO, 2012).

Segundo Santos (2019), Rodrigues, Melo e Leone (2015) nos pequenos negócios as decisões de investimentos são realizadas sem nenhum fundamento ou uso de ferramenta, negligenciando assim não apenas a exposição do capital ao risco como também o possível retorno do investimento.

Além de levar em conta o fator risco, é importante salientar que as decisões de investimento também devem levar em conta os custos⁶ e despesas⁷ relativas ao investimento, sendo o suficiente para cobri-los e proporcionar lucro para a empresa através dele (ROSETTI *et al.*, 2008).

As pequenas empresas tendem a dar importância aos seus custos, conhecendo o custo dos seus produtos bem como a sua capacidade de arcar com eles (SANTOS, 2019), pois diferentemente de grandes empresas, as micro e pequenas empresas possuem um orçamento limitado (LONGNECKER *et al.*, 2007) sendo o custo, um fator de grande importância para a sua sobrevivência (CARMO; SANTOS; LIMA, 2013).

Se por um lado as decisões de investimentos devem ser tomadas a fim de obter o melhor retorno financeiro com o menor risco possível, por outro lado as decisões de financiamentos devem ser tomadas de forma a minimizar os custos de capital⁸ e garantir a liquidez⁹ (ROSETTI *et al.*, 2008. ASSAF NETO, 2012).

Segundo Assaf Neto (2012, p. 12), “as decisões de financiamento [...] preocupam-se principalmente com a escolha das melhores ofertas de recursos e a melhor proporção a ser mantidas entre capital de terceiros¹⁰ e capital próprio¹¹”, cujo objetivo principal é reduzir o custo desses financiamentos, de forma que preserve a capacidade de pagamentos da empresa (ROSETTI *et al.*, 2008. ASSAF NETO, 2012).

Nos pequenos negócios o financiamento inicial provém das economias pessoais do proprietário, caso estas não sejam suficientes recorre-se a outras fontes de financiamento mais acessíveis no momento, as economias de familiares e amigos e os cartões de crédito (LONGNECKER *et al.*, 2007). No entanto, os financiamentos não são necessários apenas para iniciar o negócio, mas também para financiar as operações cotidianas de uma empresa em crescimento (LONGNECKER *et al.*, 2007). As fontes de financiamento voltadas para os pequenos negócios, segundo Longnecker *et al.* (2007, p.199), são:

(1) as fontes próximas de casa - economias pessoais, amigos e família, além de cartões de crédito; (2) financiamento bancário, que se torna uma fonte primária de

⁶ “[...] valor intrínseco de um produto, mercadoria ou serviço, composto pelos gastos incorridos para a sua formação ou obtenção.”(ROSETTI *et al.*, 2008, p. 267).

⁷ Valor relativo a todos os gastos que envolvem a gestão (ROSETTI *et al.*, 2008).

⁸ “Taxa de retorno exigida pelo proprietário de uma capital em sua decisão de investimento.” (ASSAF NETO, 2012, p.743).

⁹ “Capacidade de uma empresa de saldar suas obrigações de curto prazo a medida que vencem.”(GITMAN, 2004, p. 724).

¹⁰Capital proveniente de empréstimos de longo prazo (GITMAN, 2004).

¹¹ Capital disponibilizado pelo proprietário.(GITMAN, 2004).

financiamento quando a empresa cresce; (3) fornecedores comerciais e financiadores com base nos ativos; (4) investidores de patrimônio; (5) governo e (6) grandes companhias e vendas de ações.

Ao analisar as fontes de financiamentos a fim de definir a sua estrutura de capital¹² o gestor deve levar em consideração não apenas o custo do capital como também os benefícios/malefícios atrelados a eles. Segundo Gitman (2004), o custo de capital de terceiros é inferior, pois estes assumem menos risco e exigem menor retorno, entretanto, precisa ser recebido em data futura preestabelecida e sendo assim, tem preferência em relação aos pagamentos. Por outro lado, o custo de capital próprio é superior, pois este assume maior risco, mas não possui data para seu pagamento, podendo ficar retido por tempo indeterminado (GITMAN, 2004).

As empresas podem optar pela composição de capital que lhe for mais conveniente, quer adotando maior endividamento com maior uso de capital de terceiros, quer optando por maior participação de capital próprio, desde que, sua decisão esteja embasada pela concepção de risco e retorno (ASSAF NETO, 2012). A estrutura ótima de capital é aquela que minimiza os custos de capital promovendo dessa forma retornos maiores para a sua empresa, sendo assim, diferentes empresas do mesmo setor podem apresentar estrutura de capital diferentes (ASSAF NETO, 2012).

No Brasil, a maioria das empresas tendem a manter seus níveis de endividamento baixo, a fim de se protegerem das oscilações e crescimentos nas taxas de juros e da escassez de capital a longo prazo, característico a economia brasileira (ASSAF NETO, 2012). Essa limitação que as empresas se impõem em relação ao endividamento é devida ao fato de que os custos de falência anulam ou superam os benefícios atrelados ao endividamento, sendo assim, o alto endividamento poderia gerar dificuldades financeiras custosas que diminuiria o retorno financeiro (ASSAF NETO, 2012).

Toda decisão de financiamento através de capital de terceiros gera uma obrigação para a empresa, como também gera o risco de não quitar essa obrigação, se tornando inadimplente (ASSAF NETO, 2012). Segundo Assaf Neto (2012, p. 533), “algumas empresas entram em processo de falência porque não são capazes de gerar caixa suficiente para cobrir suas necessidades de desembolsos operacionais”, ou seja, vão à falência por não conseguir manter a liquidez do negócio.

¹² “A combinação de capital de terceiros de longo prazo e capital próprio”(GITMAN, 2004, p. 722).

Para uma empresa conseguir manter a sua liquidez é necessário tomar decisões financeiras de curto prazo a fim de alcançar uma harmonia entre lucratividade e risco que promova a sua longevidade (GITMAN, 2010; DOMINGUES *et al.*, 2017).

Segundo Longnecker *et al.* (2007, p. 395), “ a gestão do capital de giro - gestão do capital de curto prazo (ativos circulantes)¹³ e dos recursos financeiros de curto prazo (passivos circulantes [ou obrigações])¹⁴ é extremamente importante para as pequenas empresas”, isso porque seu objetivo principal é evitar a escassez de recursos financeiros, motivo que dar origem a muito problemas enfrentados pelas finanças dessas empresas, podendo oferecer danos irrecuperáveis a negócios com grande potencial (LONGNECKER *et al.*, 2007).

É importante destacar que para fazer uma boa gestão de capital de giro, é necessário que as empresas detenham capital de giro líquido¹⁵ para cobrir as obrigações de curto prazo, pois a transição dos estoques para contas a receber e desta para o caixa são imprevisíveis, suprimindo assim os danos da imprecisão do fluxo de entradas e saídas de caixa (GITMAN, 2010). Portanto, quanto menor for o tempo do giro de estoque e dos recebimentos, e maior for o prazo para pagamento das obrigações do passivo circulante, menor será a necessidade de capital giro líquido e maior será a liquidez e a lucratividade (GITMAN, 2010; DOMINGUES *et al.*, 2017).

Os gestores de pequenos negócios parecem ter compreensão dessa importância pois, diferentemente de outros aspectos da gestão financeira, demonstram atenção a gestão do capital de giro do seu negócio, especialmente através do uso do fluxo de caixa e do controle das contas a pagar e a receber (SANTOS, 2019; RODRIGUES; MELO; LEONE, 2015; DOMINGUES *et al.*, 2017; VOGEL; WOOD JR, 2013).

É importante ressaltar que apesar da relevância de uma boa gestão do capital de giro para manter a durabilidade dos pequenos negócios, devido a sua particular carência de capital (LONGNECKER *et al.*, 2007), existem outros desafios que afetam a gestão financeira e devem ser considerados.

Em sua pesquisa Rodrigues, Melo e Leone (2015, pág. 137), apresentam uma lista ordenada de problemas gerenciais e financeiros mais citados pelas micro e pequenas empresas pesquisadas são eles: “1) elevada concorrência (98,4%); 2) falta de capital de giro (64,1%); 3)

¹³ Composto pelas contas “Caixa”, “Contas a receber”, “Estoque”, e “títulos negociáveis”(GITMAN, 2010).

¹⁴ Composto pelas contas “ Contas a pagar”, “Fornecedores”, “Despesas”, e “Empréstimos Bancários” (GITMAN, 2010).

¹⁵ Quantia pela qual os ativos de curto prazo superam as obrigações de curto prazo (GITMAN, 2004).

falta de organização (64,1%); 4) conjuntura econômica (62,5%); 5) falta de conhecimentos técnico-gerenciais (54,7%); 6) carga tributária elevada (34,4%) e 7) dificuldades/restrições de crédito no mercado (20,3%)”; onde é possível perceber que os cinco primeiros problemas são mais frequentes em mais da metade dos pequenos negócios.

Esse resultado se assemelha ao da pesquisa de Santos (2019), onde a maioria dos pequenos negócios também apresentaram como problemas o ambiente econômico, a alta concorrência, a falta de organização, e a falta de conhecimento específico para gerir os negócios, entretanto, diferentemente da pesquisa anterior, a maior parte destas empresas demonstraram problemas com a tributação elevada, e uma menor parte destas apresentaram problemas relativos ao capital de giro.

Como é perceptível, em ambas as pesquisas, a maioria dos pequenos negócios enfrentam dificuldades semelhantes determinadas especialmente pelo ambiente em que estão inseridas e pela sua capacidade administrativa. Embora afetem as pequenas empresas, as adversidades pertencentes ao ambiente onde estão não podem ser alterado por seu esforço, pois trata-se de questões externas à organização, no entanto, as dificuldades atreladas à capacidade administrativa trata-se de problemas internos da organização, e portanto, pode ser alterada de acordo com seu interesse, respondendo não apenas as suas necessidades internas, como também influenciando a forma como a empresa responde às questões externas a ela (SOBRAL; PECI, 2008).

Como já fora citado, a capacidade administrativa dos pequenos negócios é determinada pela capacidade administrativa do gestor-proprietário (SOBRAL; PECI, 2008; LONGNECKER *et al*, 2007), logo esse estudo pretende compreender a capacidade administrativa do gestor na área financeira através da educação financeira deste, e se essa capacidade afeta a gestão financeira do seu negócio.

3 METODOLOGIA

Nesta seção serão abordados os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento deste trabalho, iniciando com a apresentação das questões de pesquisa, em seguida a caracterização do estudo, o método de pesquisa, as fontes de evidências, as unidades de análise, os critérios para selecionar os casos, as definições dos termos da pesquisa, as categorias e elementos de análise, o protocolo de estudo, os critérios de validade e confiabilidade, a técnica de análise dos casos, e finalizando com o cronograma da pesquisa.

3.1 Questões de Pesquisa

Considerando os objetivos específicos deste trabalho, as questões de pesquisa foram elaboradas para evidenciar os pontos a serem investigados durante o desenvolvimento da pesquisa a fim de atingir o seu objetivo geral. Sendo assim, segue abaixo as questões de pesquisa deste trabalho.

- Qual o nível de educação financeira do gestor?
- Como é feita a gestão financeira dos negócios?
- Existem aspectos da gestão financeira que são determinados pelo nível de educação financeira do gestor?

3.2 Caracterização da Pesquisa

A presente pesquisa possui uma abordagem qualitativa, onde é possível analisar as percepções de indivíduos para assim compreender questões humanas e sociais (COLLIS, HUSSEY, 2005), visto que, pretende compreender a relação existente entre a educação financeira do gestor e a gestão financeira dos pequenos negócios.

Segundo Vergara (1998), as pesquisas podem ser caracterizadas com base em dois critérios, o primeiro quanto a sua finalidade, e o segundo quanto ao seu método. Esta pesquisa se caracteriza quanto a sua finalidade como descritiva, cujo objetivo é expor as particularidades de uma população ou de um fenômeno, podendo estabelecer as relações de suas variáveis (GIL, 2008).

Na pesquisa descritiva as relações são estudadas sem a manipulação das variáveis pelo pesquisador, que atuará constatando e avaliando os fatos de forma espontânea (KÖCHE, 2011). Tal característica a faz ser amplamente utilizada em pesquisas das ciências humanas,

das ciências sociais, e das organizações, visto que as variáveis estudadas por essas pesquisas dificilmente poderão ser controladas (KÖCHE, 2011; GIL, 2008).

3.3 Método de Pesquisa

Dada a dificuldade de ter acesso aos gestores e às informações sobre os pequenos negócios, associado à necessidade de obter um conhecimento aprofundado do assunto, a presente pesquisa, caracteriza-se quanto ao método como estudo de caso múltiplo, o qual, pode ser definido como um “[...] estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, p. 57-58).

Para Yin (2001), o estudo de caso é o método mais adequado a ser utilizado em pesquisas cujas as questões abordam o “como” e o “porquê” determinadas situações acontecem, onde o pesquisador não tem poder para controlar as variáveis e o estudo é focado em acontecimentos contemporâneos.

Estas características o faz ser frequentemente utilizado em pesquisas sociais para expor acontecimentos que não estão determinados, descrever uma circunstância dentro do contexto de certa investigação, e explicar as variáveis causais em um fato que acontece em um ambiente de difícil acesso, cujo a utilização de outros métodos não conseguiria obter um resultado satisfatório (GIL, 2008).

3.4 Fontes de Evidências

A coleta de dados pode ser realizada através de diversas fontes de evidências, no estudo de caso destacam-se os “documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante, e artefatos físicos” (YIN, 2001, p. 105). No presente estudo as evidências serão coletadas através de entrevistas, seguindo o protocolo de segurança da COVID-19, pois dentre os outros é o único instrumento adequado e acessível para obter os dados que responderão às questões de pesquisa, dada a importância do gestor para os pequenos negócios.

Segundo Gil (2008, p. 109), as entrevistas podem ser descritas como uma “[...] técnica [de investigação] em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Trata-se de uma técnica muito utilizada nas pesquisas sociais, sendo um instrumento primordial para coletar evidências em estudo de caso dada a sua flexibilidade (GIL, 2008; YIN, 2001).

As entrevistas podem ser definidas de acordo com o seu tipo de estrutura, podendo ser classificada como estruturada, semi-estruturada (por pauta), focalizada, ou informal (GIL, 2008). A estrutura adotada na entrevista desta pesquisa é a semi-estruturada, que possui uma estrutura focada em pontos de interesse inter-relacionados que o entrevistador vai abordando durante a coleta (GIL, 2008).

Na entrevista semi estruturada o entrevistador faz poucas perguntas objetivas sobre seus pontos de interesse, deixando o entrevistado abordar livremente sobre a pauta, e caso se afaste desta, o entrevistador intervém de forma sutil para retornar a ela (GIL, 2008). Essa característica permite ao pesquisador coletar informações que geralmente não podem ser abordadas diretamente, resguardando a espontaneidade necessária ao processo (GIL, 2008).

O roteiro das entrevistas a ser aplicado nas unidades de análise foi composto por perguntas abertas embasadas nos elementos de análise das categorias analíticas, desenvolvidos com base na fundamentação teórica deste estudo de caso, e segue no apêndice deste trabalho. É importante ressaltar que a primeira parte da entrevista, que diz respeito às perguntas sobre o conhecimento financeiro, é composta de questões que visam analisar as respostas dos entrevistados como corretas ou incorretas, de acordo com a similaridade com as respostas corretas do quadro 03.

Quadro 03 - Respostas do elemento de análise: conhecimento financeiro.

Nº	Perguntas	Respostas Corretas
1	Imagine que você possua R\$ 500,00 e deseja comprar um presente para quatro parentes de forma igualitária. Na sua percepção, qual valor deveria ser destinado ao presente de cada um?	R\$125,00 para cada.
2	Suponha que você possua, reservada em seu cofre particular, uma quantia de R\$ 6000,00 em espécie, e planeja utilizá-la em um ano. É correto afirmar que após um ano essa quantia possuirá o mesmo valor? Por quê?	Não, pois o valor do dinheiro sofre alteração com o passar do tempo.
3	Imagine que o seu dinheiro guardado no banco esteja rendendo durante o ano a uma taxa de juros de 3% ao ano, e que a inflação do período em questão tenha sido de 5% ao ano. Na sua opinião qual a influência da inflação do período sobre o dinheiro guardado no banco?	A inflação desvaloriza a quantia guardada no banco.
4	Suponha que você planeje emprestar R\$ 1000,00 para ser pago após dois anos com a taxa de juros de 15% ao ano. Para obter o maior retorno possível, qual regime de juros deveria ser adotado o regime de juros simples ou o regime de juros compostos? Por quê?	Composto, pois o montante será maior.
5	Imagine que você necessite realizar um empréstimo de R\$ 25000,00 e esteja avaliando duas opções de pagamentos: I. Pagar por dois anos, sob uma taxa de juros de 3% ao ano; II. Pagar por cinco anos, sob uma taxa de juros de 7,5% ao ano.	A opção I pois a taxa de juros é menor, o que resulta em um custo de financiamento mais

	Na sua opinião qual seria a melhor opção? Por quê?	barato.
6	Sabemos que todo investimento incorre em riscos, sendo assim, suponha que você deseje investir seu dinheiro em um aplicação e esteja avaliando as seguintes opções: I. A primeira possui baixo risco e uma taxa de retorno de 5% ao ano; II. A segunda possui alto risco e uma taxa de retorno de 6% ao ano. Normalmente, qual dessas opções seria melhor investir? Por quê? Qual a sua opinião sobre a relação de risco e retorno da segunda opção?	Na I, pois o risco é proporcional ao retorno. A II opção possui um risco muito alto comparado ao seu retorno.
	Se a segunda opção tivesse um retorno proporcional ao seu risco seria interessante investir nas duas opções? Porquê?	Sim, pois dessa forma poderia alcançar um retorno maior com risco reduzido.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2020).

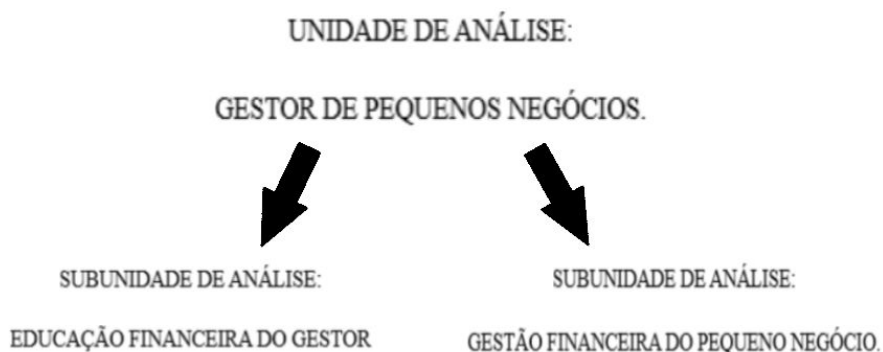
3.5 Unidades de Análise

A unidade de análise pode ser caracterizada por uma organização, um evento ou um indivíduo (YIN, 2001). No presente estudo de caso, a unidade de análise principal trata-se do indivíduo responsável pelo pequeno negócio, o gestor.

Os estudos de caso podem ser caracterizados de acordo com a quantidade de unidades de análise, como holístico - quando houver uma única unidade de análise, ou incorporado - quando houver mais de uma unidade de análise, sendo uma delas a principal unidade de análise, e as demais as subunidades de análise (YIN, 2001).

O presente estudo de caso múltiplo caracteriza-se como incorporado, portanto, faz-se necessário identificar não apenas a unidade de análise, mas também as subunidades de análise, derivadas da principal, são elas: a educação financeira do gestor, e a gestão financeira do pequeno negócio. Identificando a unidade e subunidades de análise, a figura 01 apresenta a relação entre elas.

Figura 01 - Unidade e subunidades de análise.



Fonte: Desenvolvido pela autora (2020).

3.6 Critério de Seleção de Casos

Para YIN (2001), o estudo de caso não deve seguir uma lógica de amostragem, na qual uma parcela da população é utilizada como amostra para representá-la, permitindo assim fazer generalizações, mas deve seguir a lógica da replicação, utilizada em experimentos sendo, portanto, cada caso único, que poderá ser replicado para cruzar as informações, com o objetivo de enriquecer a teoria.

Como o estudo de caso não segue a lógica de amostragem, o número de casos necessários para o estudo depende da certeza que o pesquisador deseja obter sobre os resultados adquiridos no estudo de caso múltiplo, quanto maior o número de replicações maior o grau de certeza, permitindo assim compreender bem o fenômeno (YIN, 2001).

Sendo assim, a presente pesquisa será composta por quatro casos que deverão ser selecionados segundo os seguintes critérios: a) a empresa ser caracterizada como pequeno negócio, segundo os parâmetros do Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, instituído pela Lei Complementar nº123/2006, podendo ser empresa de pequeno porte, microempresas, ou microempreendedor individual (BRASIL, 2006); b) o pequeno negócio ser gerenciado pelo proprietário.

Apesar de haver discussões quanto à definição de pequenas empresas, os tipos de pequenos negócios supracitados possuem similaridades que permitem que qualquer organização que possua ambos os critérios possa fazer parte da pesquisa, sendo o suficiente para atender a finalidade e objetivos desta.

3.7 Definição Constitutiva

Segundo Marconi e Lakatos (2008), a definição dos termos da pesquisa serve para esclarecer os conceitos utilizados, indicando precisamente seu emprego na pesquisa, prevenindo assim possibilidade de que um conceito possa apresentar significados diferentes, tornando-o ambíguo. Sendo assim, segue abaixo a definição dos principais termos utilizados nesta pesquisa.

- Gestor - pessoa responsável por conduzir a empresa de forma que esta alcance o seu objetivo (SOBRAL; PECI, 2008). Nos pequenos negócios, essa pessoa é representada pelo proprietário da empresa (MONTEIRO; BARBOSA, 2011).
- Educação Financeira - processo onde as pessoas desenvolvem seu entendimento sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, a fim de saber onde se informar a respeito,

tomar decisões e atitudes que proporcionem a sua tranquilidade financeira (OCDE, 2005).

- Gestão Financeira - “ [...] conjunto de atividades relacionadas com a gestão do fluxo de recursos financeiros da organização” (SOBRAL; PECI, 2008, p. 360), com o objetivo de obter a captação e alocação de capital mais oportuna e vantajosa, de forma que mantenha a qualidade da sua situação financeira e alcance as metas e objetivos da organização (ASSAF NETO, 2012).
- Pequenos Negócios - negócios formalizados como empresas de pequeno porte, microempresas, ou microempreendedor individual (BRASIL, 2006).

3.8 Categorias Analíticas e Elementos de Análise

Com base nas questões de pesquisas e na fundamentação teórica, foram definidas as categorias analíticas e os elementos de análise, que seguem expostas no quadro 04.

Quadro 04 - Categorias analíticas e elementos de análise

Questões De Pesquisa	Categorias Analíticas	Elementos De Análise	Fonte
Qual o nível de educação financeira do gestor?	Educação Financeira do Gestor	● Conhecimento Financeiro; ● Comportamento Financeiro; ● Atitude Financeira;	OCDE (2013)
Como é feita a gestão financeira dos negócios?	Gestão Financeira dos pequenos negócios	● Uso de Ferramentas Financeiras; ● Planejamento, Análise e Controle Financeiro. ● Gestão de Ativos; ● Gestão de Passivos; ● Gestão de Capital De Giro; ● Desafios e problemas gerenciais.	Rosetti et al. (2008); Longnecker et al (2007); Assaf Neto (2012); Gitman (2010).
Existem aspectos da gestão financeira que são determinados pelo nível de educação financeira do gestor?	Aspectos da gestão financeira que podem ser determinados pela educação financeira do gestor.	● Práticas e desafios gerenciais; ● Decisões de Investimentos; ● Decisões de Financiamentos.	Desenvolvido pela autora (2020).

Fonte: Desenvolvido com base na fundamentação teórica (2020).

3.9 Protocolo de Estudo

O protocolo de estudo é uma ferramenta que contém as regras e procedimentos que devem ser adotados ao realizar a investigação com o objetivo de aumentar a confiabilidade e orientar o investigador na condução da pesquisa (YIN, 2001). Trata-se de um instrumento geralmente desejável em qualquer circunstância, mas possui caráter essencial quando se trata de estudo de caso múltiplo (YIN, 2001). A seguir segue, adaptado do modelo de Yin (2001), o protocolo de estudo desta pesquisa:

- a) Identificar as empresas e seus respectivos gestores que serão investigados pelo estudo de caso;
- b) Entrar em contato com os gestores/negócios e solicitar a participação destes no estudo, consequentemente, marcando a entrevista;
- c) Marcar a entrevista para cada caso em dias diferentes;
- d) Confirmar a visita para cada entrevista na véspera;
- e) Solicitar a assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido, no dia e no momento de realizar a entrevista;
- f) Portar um gravador de áudio para armazenar o conteúdo da entrevista, e ativá-lo no momento de iniciar a entrevista, sob autorização do entrevistado;
- g) Realizar a entrevista, seguindo o roteiro de entrevista;
- h) Transcrever a entrevista mediante a sua gravação, posteriormente a entrevista ser concluída;
- i) Construir um banco de dados para armazenar a gravação e a transcrição do conteúdo das entrevistas;
- j) Descrever os casos individualmente;
- k) Realizar a análise comparativa dos casos;
- l) Elaborar o relatório final.

3.10 Critérios de Validade e Confiabilidade

Segundo Yin (2001), toda pesquisa é estabelecida em proposições que apresentam um conjunto lógico, logo a qualidade destas também pode ser julgada com base em critérios lógicos. Os critérios mais utilizados para avaliar a credibilidade dos estudos de caso tratam-se

dos critérios de validade do constructo, de validade interna, de validade externa e de confiabilidade (YIN, 2001). No quadro 05, seguem apresentados os critérios bem como as táticas que serão utilizadas pelo presente estudo para aumentar a validade e a confiabilidade da pesquisa.

Quadro 05 - Critérios de validade e confiabilidade.

Critérios	Táticas do Estudo de caso
Validade do Constructo	Estabelece encadeamento de evidências, de forma que os dados coletados nas entrevistas, de acordo com o protocolo de estudo, serão correspondentes aos elementos de análise das categorias analíticas, e estas foram embasadas nas questões de pesquisas.
	O rascunho do relatório será avaliado pelos informantes, de forma que a composição das informações sejam verificadas e aprovadas.
Validade Interna	Este critério não se aplica a este estudo de caso de caráter descritivo, visto que, segundo Yin (2001), o critério de validade interna é uma preocupação exclusiva dos estudos de casos causais.
Validade Externa	Fará uso da lógica de replicação de estudo de caso múltiplo, ao investigar quatro casos diferentes.
Confiabilidade	Fará uso do protocolo de estudo de caso para conduzir a investigação.
	Possuirá um banco de dados com as gravações, base comprobatória das entrevistas, e o relatório do pesquisador armazenadas.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2020).

3.11 Técnica de Análise das Evidências

Como esta pesquisa trata-se de um estudo de caso múltiplo, para analisar os dados coletados será realizada uma análise comparativa dos casos, utilizando a técnica denominada como cross-case analysis (análise cruzada dos dados).

A técnica cross-case analysis consiste em cruzar os dados dos casos divididos por categorias, e procurar diferenças ou similaridades entre as informações, possibilitando que o pesquisador faça conclusões a respeito (EISENHARDT, 1989).

Para Eisenhardt (1989), o cruzamento dos dados aumenta a confiabilidade e precisão da pesquisa, além de aumentar a probabilidade de que sejam capturadas novas descobertas existentes nos dados que não eram esperadas inicialmente pelo investigador, fazendo com que a teoria se torne mais rica.

4 DESCRIÇÃO DOS CASOS

Nesta seção serão descritos os quatro casos estudados pela pesquisa através das evidências coletadas nas entrevistas, seguindo as questões de pesquisa e as categorias de análise, bem como a caracterização das empresas e o contexto no qual estão inseridas. É importante ressaltar que, tanto o nome das empresas quanto o nome de seus gestores são confidenciais e não serão divulgados, a fim de garantir o sigilo de sua participação, portanto, os casos serão denominados como A, B, C e D.

4.1 Caso A

A empresa A é uma microempresa situada no município de Tobias Barreto, do estado de Sergipe, que atua no mercado de distribuição e varejo de produtos profissionais para salão de beleza, atendendo a diversas cidades do estado de Sergipe e do estado da Bahia há sete anos. Trata-se de uma empresa familiar, onde trabalham apenas o proprietário e sua esposa, sem possuir funcionários contratados, embora já tenha contratado prestadores de serviços. A gestão do pequeno negócio fica a cargo do proprietário, do sexo masculino, casado, com quarenta anos de idade, possuindo ensino médio, e curso técnico incompleto em comércio, com experiência profissional na área comercial e com sete anos de experiência na área de gestão.

4.1.1 Educação Financeira do Gestor

Inicialmente o gestor expôs o seu conhecimento sobre os conceitos financeiros de divisão, valor do dinheiro no tempo, inflação, juros simples e compostos, juros em empréstimos, risco e retorno e diversificação. No que diz respeito a divisão, segundo o gestor, se ele possuísse R\$500,00 e tivesse que dividir esse valor para comprar um presente para quatro parentes de forma igualitária, deveria destinar R\$125,00 ao presente de cada um deles.

Sobre valor do dinheiro no tempo, ao ser questionado se é correta a afirmação de que após um ano, uma quantia de R\$6000,00 que ele, hipoteticamente, possuísse em seu cofre particular, possuiria o mesmo valor, ele negou e alegou que “[...] vai desvalorizar esse valor se deixar ali e não movimentar ele, não aplicar ele em algum investimento[...]”.

Em relação à inflação, o gestor afirmou que se o dinheiro guardado em um banco estivesse rendendo a taxa de 3% a.a. e a inflação do período tivesse sido de 5% a. a., este dinheiro iria perder valor na diferença percentual entre as taxas, e por isso não seria

interessante manter o dinheiro no banco, dado ao fato da taxa de inflação estar maior do que a taxa de juros de rendimento do banco, e deveria buscar outros meios de investimento, fazendo com que esse dinheiro renda mais, no mínimo 6% para compensar a inflação.

Ao ser questionado sobre qual regime de juros deveria ser adotado para obter o maior retorno possível, se ele planejasse emprestar R\$ 1000,00 para ser pago após dois anos com a taxa de juros de 15% a.a, afirmou que deveria ser adotado o regime de juros compostos, pois este calcula o valor dos juros sobre os juros, e o simples calcula apenas o juros seco sem acréscimo.

No que diz respeito a juros sobre empréstimos, lhe foi indagado qual seria a melhor opção de pagamento para ele, caso quisesse realizar um empréstimo de R\$ 25000,00, se pagar por dois anos, sob uma taxa de juros de 3% ao ano, ou pagar por cinco anos, sob uma taxa de juros de 7,5% ao ano. Para essa indagação o gestor afirmou que a melhor opção seria a primeira opção, pois a diferença entre as taxas delas é muito grande, por mais que a outra tivesse mais tempo para pagar o valor dos juros seria muito mais alto e não valeria a pena.

Sobre risco e retorno, foi interrogado em quais das seguintes opções ele consideraria a melhor para fazer um investimento, se a primeira opção, que possui baixo risco e uma taxa de retorno de 5% ao ano, ou a segunda que possui alto risco e uma taxa de retorno de 6% ao ano. A esta interrogação, declarou que optaria pela primeira opção pois teria mais segurança, na segunda opção poderia ter uma perda alta, que na primeira opção não teria, se o retorno fosse ao menos 10% maior, valeria a pena correr o risco, mas por uma diferença de 1% de retorno era melhor deixar no investimento com baixo risco.

Em relação à diversificação, ele afirmou que investiria nas duas opções anteriores, caso a segunda opção tivesse um retorno proporcional ao seu risco, sendo 70% do valor investido na primeira opção e 30 % na segunda. Finalizando assim os conceitos financeiros e seguindo para o seu comportamento e atitudes financeiras no cotidiano.

No que diz respeito ao seu comportamento financeiro ele afirma que costuma planejar antes de realizar compras ou utilizar o crédito, para que não venha ter uma surpresa negativa, costuma pagar as contas em dia para não pagar juros, e nunca necessitou utilizar o cheque especial e nem fazer empréstimo pessoal, não possui previdência privada, apenas a previdência social paga através da empresa, porém pretende fazer isso no futuro. O gestor afirma, no tocante às suas atitudes financeiras, que prefere fazer os investimentos no curto

prazo, porém no próximo ano planeja começar a pensar sobre o longo prazo, pois, para ele, não se trata de um assunto que poderá ser resolvido se for deixado para depois.

4.1.2 Gestão Financeira do Pequeno Negócio

Para auxiliar a gestão financeira e demonstrar a sua situação, o gestor se utiliza de uma demonstração de caixa feita manualmente, controlando as entradas e as saídas de capital, além de utilizar um sistema computadorizado para controlar o estoque e fazer emissão de nota fiscal. Afirmar que não realiza planejamento financeiro, baseando-se sempre no seu fluxo de caixa e no controle de estoque, controlando a situação através deles, fazendo os investimentos de acordo com a sua disponibilidade de capital.

Ao fazer investimentos o gestor afirma que pensa primeiramente nas necessidades do cliente, investindo mais nos produtos que têm maior demanda, produtos novos que são lançamentos no mercado, e por último, em menor quantidade, produtos que, apesar de ter uma menor demanda traz um bom retorno para empresa:

“Existem duas situações aí, existem aqueles produtos que são mais procurados, e aqueles produtos que tem uma margem maior de retorno, de lucro. [...] para investir a gente pensa primeiramente no produto que tem mais saída, mas também pensa no que tem uma margem melhor.”

Com o objetivo de reduzir o risco, relativo a liquidez, desses investimentos ele investe em diversos produtos e faz pacotes promocionais com produtos de maior demanda e menor retorno junto a produtos de menor demanda e maior retorno, para que além de reduzir o risco ganhando um maior retorno, também estimule o cliente a conhecer e utilizar produtos diferentes dos que costuma adquirir. Além dessa estratégia, para conseguir um bom retorno sobre os ativos, o gestor também faz o cálculo manual do custo dos produtos, do frete, e do imposto para assim, calcular o percentual correspondente à empresa.

Na gestão de passivos, o gestor faz o controle das contas a pagar manualmente, e procura sempre encontrar o menor custo ao fazer financiamentos para a empresa. Inicialmente, o empréstimo bancário foi a principal fonte de financiamento da empresa e através do lucro obtido por meio deste, a empresa foi reinvestindo e construindo o seu capital próprio, que corresponde atualmente a cerca de 60% da estrutura de capital da empresa, restando apenas aproximadamente 40% de capital de terceiros, sem nunca ter tido problemas financeiros em relação ao endividamento da empresa.

No que diz respeito a gestão do capital de giro, o gestor afirma que utiliza o fluxo de caixa para controlar as entradas e saída de capital, já para gerir os estoques utiliza o sistema computadorizado, que lhe fornece todas as informações sobre as entradas e saídas de produtos, para as contas a receber faz uso de um controle manual através de notas promissórias para as vendas financiadas pela empresa, e para as vendas a cartão de crédito acompanha as entradas no saldo bancário, assim garante que sabe o quanto vai receber e o quanto precisa para investir e fazer pagamentos.

Além desse acompanhamento contínuo, costuma ser cuidadoso quanto a gestão do capital de giro, possuindo um saldo de caixa, como reserva para eventualidades, e adequando as necessidades de investimento que forem aparecendo a sua situação financeira, buscando sempre ter equilíbrio. Atribui a esse cuidado o fato de nunca ter tido problema em seu capital de giro que o fizesse necessitar pedir empréstimo para cobrir uma obrigação, afirmando que o único desafio que afeta a sua área financeira é a concorrência, que eventualmente diminui a receita de vendas da empresa.

4.1.3 Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor

Em relação ao longo prazo, as práticas gerenciais acompanham a sua atitude financeira, não faz planejamento financeiro de longo prazo mantendo seu foco financeiro apenas no curto prazo. Nas práticas gerenciais de curto prazo, em conformidade com o seu comportamento financeiro, o gestor é cauteloso em relação ao uso de crédito de forma que apesar de ser uma empresa com 40% de capital de terceiros, mantém as contas sempre em dia, e nunca teve problemas a esse respeito, nem tampouco necessitou utilizar crédito para cobri-lo.

Além disso, é importante ressaltar que acompanha e controla as finanças do negócio através da demonstração do fluxo de caixa, para controlar as entradas e saídas de capital, controle manual das contas a pagar e a receber, e controle de estoque para controlar a atividade da empresa. Entretanto, a empresa possui uma reserva para cobrir eventualidades, diferente do exposto no seu comportamento financeiro, onde não expressa nenhuma reserva financeira pessoal.

As decisões de investimento são tomadas procurando um retorno proporcional ao risco do investimento, diversificando os investimentos para garantir um maior lucro com o menor risco, visto que, procura investir em produtos de baixo retorno e baixo risco, pois a demanda é

alta, mas também investe em produtos de alto retorno e alto risco, pois a demanda é baixa, mesmos raciocínios expostos no seu conhecimento financeiro sobre risco, retorno e diversificação.

Nas decisões de financiamento, em conformidade aos critérios expressos em seu conhecimento financeiro sobre juros de empréstimos, o gestor procura a menor taxa sobre o financiamento, para assim obter o menor custo de capital, observando a sua capacidade financeira e as condições de pagamento, conforme o expresso em seu comportamento financeiro.

4.2 Caso B

A empresa B é uma micro empreendimento individual situado no município de Lagarto, do estado de Sergipe, e atua no mercado varejista de confecções de moda feminina, moda masculina, moda infantil, moda íntima, moda praia, e de enxovais para bebês, há um ano e meio ,sendo uma empresa familiar onde trabalham a proprietária, seu esposo, sua filha, e um funcionário contratado. A gestão do pequeno negócio fica a cargo da proprietária, do sexo feminino, casada, com quarenta e seis anos de idade, possuindo ensino fundamental incompleto, com experiência profissional na área de varejo comercial e com aproximadamente vinte anos de experiência na área de gestão comercial devido a outros empreendimentos passados.

4.2.1 Educação Financeira do Gestor

Inicialmente a gestora expôs o seu conhecimento sobre os conceitos financeiros de divisão, valor do dinheiro no tempo, inflação, juros simples e compostos, juros em empréstimos, risco e retorno, e diversificação. No que diz respeito a divisão, segundo a gestora, se ele possuísse R\$500,00 e tivesse que dividir esse valor para comprar um presente para quatro parentes de forma igualitária, destinaria para cada um deles o valor de R\$125,00.

Sobre valor do dinheiro no tempo, ao ser questionado se é correta a afirmação de que após um ano, uma quantia de R\$6000,00 que ela, hipoteticamente, possuísse em seu cofre particular, possuiria o mesmo valor, ela negou e alegou que “[...]se eu comprar alguma coisa para mim [hoje], depois de um ano com certeza vai ser mais caro, o dinheiro não vai valorizar se ficar um ano parado e não investir ele, se a inflação estiver subindo muito durante um ano ele vai perder valor[...]”.

Em relação à inflação, a gestora afirmou que se o dinheiro guardado em um banco estivesse rendendo a taxa de 3% a.a. e a inflação do período tivesse sido de 5% a. a., este dinheiro iria perder valor pois a taxa de inflação foi superior. Ao ser questionada sobre qual regime de juros deveria ser adotado para obter o maior retorno possível, se ele planejasse emprestar R\$ 1000,00 para ser pago após dois anos com a taxa de juros de 15% a.a, afirmou que utilizaria o regime de juros compostos, pois os juros sobre os juros faria ganhar mais e lhe daria um retorno maior.

No que diz respeito a juros sobre empréstimos, lhe foi indagado qual seria a melhor opção de pagamento para ele, caso quisesse realizar um empréstimo de R\$ 25000,00, se pagar por dois anos, sob uma taxa de juros de 3% ao ano, ou pagar por cinco anos, sob uma taxa de juros de 7,5% ao ano. Para essa indagação a gestora afirmou que optaria pela primeira opção porque “ iria pagar menos juros e iria sair mais barato, cinco anos iria ser muito mais, ele iria ficar um valor muito alto e não iria compensar”.

Sobre risco e retorno, foi interrogado em quais das seguintes opções ela consideraria a melhor para fazer um investimento, se a primeira opção que possui baixo risco e uma taxa de retorno de 5% ao ano, ou a segunda que possui alto risco e uma taxa de retorno de 6% ao ano. A esta interrogação, declarou que escolheria a opção de baixo risco pois, embora na segunda opção tenha a vantagem de obter um retorno maior, é mais insegura.

Em relação à diversificação, ela afirmou que investiria nas duas opções anteriores, caso a segunda opção tivesse um retorno proporcional ao seu risco, pois

“[...]na primeira opção eu iria ganhar menos, mas na segunda eu iria ganhar mais, então eu investindo em uma que ganha mais e em outra [que ganha] menos, eu não ia arriscar tudo, então eu iria dividir, e possivelmente eu iria ganhar naquela segunda.”

No que diz respeito ao seu comportamento financeiro ela afirma que antes de fazer uma compra costuma pesquisar o valor que terá que desembolsar, se puder compra a vista, se não puder analisa a necessidade, e compra no crédito, examinando sua capacidade de pagamento, e se necessário, diminui outros gastos para fazer a aquisição. Procura sempre pagar suas contas em dia, entretanto, se alguma atrasar, não usa empréstimo ou crédito pessoal, prefere pagar os juros do atraso. Não possui poupança e gasta de acordo com o que ganha, pois não tem salário fixo, dando prioridade às necessidades, tentando sempre controlar as contas, pois já teve problemas por não tê-las conferido com frequência.

A gestora afirma, no tocante às suas atitudes financeiras, que não tem nenhum planejamento financeiro a longo prazo, nem plano de previdência privada, prioriza mais o presente pois o que ganha é suficiente apenas para as despesas, não tem o privilégio de ganhar o bastante que sobre para poupar para o futuro, e se retirar dinheiro para essa finalidade irá faltar em outro gasto necessário. Apesar disso, acha muito importante ter uma reserva e um plano para o futuro, pois se trata de uma segurança quando não se sabe o que vem pela frente.

4.2.2 Gestão Financeira do Pequeno Negócio

Para auxiliar a gestão financeira e demonstrar a sua situação, a gestora possui uma planilha para realização do caixa diário e mensal, controlando as entradas e as saídas de capital, além disso também possui uma planilha para controlar os gastos mensalmente e anualmente.

Afirma que o planejamento que faz é em relação às compras, olhando tudo que a empresa precisa, para que possa ter toda a mercadoria necessária a sua demanda e nada venha faltar. Analisa as suas finanças de acordo com as suas receitas de vendas, pois, segundo ele, não tem como fazer um planejamento se decaírem as vendas, e nem tão pouco controle pois a queda de vendas dificulta até os pagamentos, por isso a receita de vendas é o seu principal indicador.

Aos fazer investimentos a gestora afirma que pensa no lucro que poderá obter através do investimento fazendo uma estimativa, quando se trata de mercadoria, nas demais coisas observa elas agregarão, seja para organizar a empresa, valorizar o produto, ou trazer mais conforto para o cliente e para os trabalhadores. Além disso, afirma que também é importante conhecer o mercado, a necessidade dos clientes, e ter um bom produto, pois, segundo ela: “[...] tem produto que você vê que vai dar uma boa venda porque ele tem qualidade, tem cores, e tamanhos, é um produto que é procurado, e é um produto que vai chamar atenção de outras pessoas”.

Para reduzir o risco, relativo à liquidez, desses investimentos, ela investe em vários produtos, em maior quantidade nos que possuem mais demanda, e menor quantidade no que possui menos demanda, para assim não perder a venda e satisfazer a necessidade de consumo do seu cliente. Além dessa estratégia, para garantir o lucro em cima dos investimentos, afirma controlar os custos e despesas da empresa através de uma planilha de controle dos gastos, e através das saídas do caixa mensal, obtendo uma média do valor necessário para manter a empresa funcionando, a partir disso, é possível estabelecer uma taxa percentual em cima do

valor do custo da mercadoria para definir o preço de venda suficiente para cobrir os impostos, custos e despesas da loja, e o lucro da empresa.

Na gestão de passivos, a gestora conta que utiliza a planilha de controle de gastos mensais e anuais para lhe auxiliar na tomada de decisão e no controle das contas, ao assumir um financiamento sempre procura a opção mais barata, e embora a melhor opção, na sua opinião, sempre seja pagar à vista, reconhece que às vezes necessita comprar a prazo, e para isso analisa o custo do financiamento observando se irá compensar assumir essa dívida para obter aquele produto.

Inicialmente a empresa foi financiada pela sua família, e atualmente utiliza o próprio capital da empresa e o de fornecedores para manter o funcionamento, sendo apenas cerca de 10% destes, e 90% da empresa. Apesar do baixo endividamento, a empresa já chegou a ter dificuldade para cobrir as dívidas devido à queda nas vendas gerada pela pandemia do COVID-19, concomitantemente a um acúmulo de dívidas no mês seguinte.

No que diz respeito a gestão do capital de giro, a gestora afirma que controla as entradas e saídas através da demonstração do fluxo de caixa, as contas a pagar são controladas através da planilha de controle de gastos supracitada, e quanto aos recebimentos, trabalha recebendo a vista ou no cartão, sendo que o valor do cartão é depositado em um dia útil após a venda.

A gestora conta que inicialmente costumava comprar à vista, no entanto, passou a utilizar também o cheque e o boleto, contando com uma reserva de caixa, pois necessita aumentar o capital da empresa, pois com o capital que tem não consegue suprir a sua demanda, entretanto, teve problemas recentemente para cobrir esses compromissos devido a queda de 50% nas vendas, consequência da pandemia da COVID-19, que consumiu não apenas o seu caixa líquido como também deixou a empresa com saldo negativo.

Além do impacto negativo, ressalta que a pandemia também reduziu o crescimento da empresa e a sua lucratividade pois, devido ao isolamento social, a razão de maior giro e demanda no seu mercado, as festas comemorativas de São João em junho, da padroeira da cidade, em setembro, entre outras, foram canceladas. Afirma também que devido a queda nas vendas, está tendo dificuldade em pagar um funcionário que compense o seu custo e agregue a empresa.

4.2.3 Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor

Nas práticas gerenciais de longo prazo, a gestora não faz planejamento financeiro de longo prazo priorizando seus esforços no presente e no curto prazo, similarmente ao que expressou em sua atitude financeira. No que diz respeito às práticas gerenciais de curto prazo, em conformidade com o seu comportamento financeiro, a gestora dá preferência às compras à vista, mas quando há necessidade, utiliza o crédito para financiar a atividade, sendo apenas 10% do seu capital proveniente de terceiros, entretanto, já passou por problemas em relação ao pagamento, e não possui uma reserva para eventualidades.

É importante ressaltar que acompanha e controla as finanças do negócio através da demonstração de caixa, para controlar as entradas e saídas de capital, de uma planilha para controlar as contas a pagar, e não necessita controlar os recebimentos, pois suas vendas a prazo são realizadas com pagamento em cartão de crédito, que entra ainda na mesma semana em sua conta bancária, diferente do exposto em seu comportamento financeiro, onde expressa não acompanhar e controlar as contas finanças pessoais com frequência.

As decisões de investimento são tomadas se baseando nos mesmos critérios expostos no seu conhecimento financeiro sobre risco, retorno e diversificação, analisa o lucro que poderá obter através do produto e observa a necessidade do seu mercado e dos seus clientes, investindo mais nos produtos que possuem uma alta demanda e menos nos que possuem uma demanda menor, analisando sempre sua estrutura de custos.

Nas decisões de financiamento, a gestora analisa o custo de financiamento, semelhante ao raciocínio ao escolher a melhor opção de pagamento de juros de empréstimo, optando pela opção cujo o custo total do valor do empréstimo é inferior, além disso analisa sua capacidade financeira e as condições de pagamentos antes de tomar uma decisão de financiamento, em conformidade ao exposto no seu comportamento financeiro.

4.3 Caso C

A empresa C é um micro empreendimento individual situado no município da Barra dos Coqueiros, do estado de Sergipe, e atua no mercado de saúde e beleza, oferecendo serviços de massoterapia, depilação, cuidados com a pele, bronzeamento natural, e bronzeamento artificial, há aproximadamente três anos, onde trabalham apenas a proprietária e uma funcionária. A gestão do pequeno negócio fica a cargo da proprietária, do sexo feminino, casada, com trinta e dois anos de idade, possuindo ensino fundamental incompleto,

com experiência profissional na área de vendas comercial e no mercado de saúde e beleza em que atua, com três anos de experiência na área de gestão.

4.3.1 Educação Financeira do Gestor

Inicialmente a gestora expôs o seu conhecimento sobre os conceitos financeiros de divisão, valor do dinheiro no tempo, inflação, juros simples e compostos, juros em empréstimos, risco e retorno e diversificação. No que diz respeito a divisão, segundo a gestora, se ela possuísse R\$500,00 e tivesse que dividir esse valor para comprar um presente para quatro parentes de forma igualitária, deveria destinar mais de R\$100,00 a cada, mas não sabe exatamente o quanto, alegando ser ruim em matemática, e precisa da calculadora para realizar cálculo.

Sobre valor do dinheiro no tempo, ao ser questionado se é correta a afirmação de que após um ano, uma quantia de R\$6000,00 que ela, hipoteticamente, possuísse em seu cofre particular, possuiria o mesmo valor, ele concordou, afirmando que: “[...] se não for aplicado em nada vai estar guardado, [...] então vai ser o mesmo dinheiro.”

Em relação à inflação a gestora afirmou, que se o dinheiro guardado em um banco estivesse rendendo a taxa de 3% a.a. e a inflação do período tivesse sido de 5% a. a., este dinheiro não irá render, pois a taxa de inflação foi maior que a da poupança, seria melhor investir esse valor em outra coisa. Ao ser questionado sobre qual regime de juros deveria ser adotado para obter o maior retorno possível, se ela planejasse emprestar R\$ 1000,00 para ser pago após dois anos com a taxa de juros de 15% a.a, responde que optaria pelos juros compostos, pois este fará o dinheiro render mais.

No que diz respeito a juros sobre empréstimos, lhe foi indagado qual seria a melhor opção de pagamento para ela, caso quisesse realizar um empréstimo de R\$ 25000,00, se pagar por dois anos, sob uma taxa de juros de 3% ao ano, ou pagar por cinco anos, sob uma taxa de juros de 7,5% ao ano. Para essa indagação a gestora afirmou que para ela seria a primeira opção, porque os juros dela é menor.

Sobre risco e retorno, foi interrogado em quais das seguintes opções ela consideraria a melhor para fazer um investimento, se a primeira opção que possui baixo risco e uma taxa de retorno de 5% ao ano, ou a segunda que possui alto risco e uma taxa de retorno de 6% ao ano. A esta interrogação, declarou que seria a primeira opção, pois seu risco é baixo e o risco da segunda é muito alto e para ela não valeria a pena.

Em relação à diversificação, ela afirmou que não investiria nas duas opções anteriores, caso a segunda opção tivesse um retorno proporcional ao seu risco, pois para ela seria como dar um tiro no escuro, mantendo assim o investimento total apenas na primeira. Finalizando assim os conceitos financeiros e seguindo para o seu comportamento e atitudes financeiras no cotidiano.

No que diz respeito ao seu comportamento financeiro ela informa que só compra à vista, sempre paga as contas em dia, pesquisa o preço do produto antes de comprar, tem controle sobre quanto vai gastar pois sabe seu limite, conforme expressou : “[...] eu vou pesquisar, quando eu vou comprar, onde é mais barato, eu tenho controle sobre quanto eu vou gastar e sei o meu limite[...]”, afirma também que não possui poupança ou investimento, pois ainda não conseguiu fazer.

A gestora, no tocante às suas atitudes financeiras, expressa: “ultimamente estou vendo só as necessidades, não estou tendo ainda renda para pensar no futuro, longo prazo”, entretanto, declara que considera importante se prevenir e reservar dinheiro para ir construindo um patrimônio para o futuro.

4.3.2 Gestão Financeira do Pequeno Negócio

Para auxiliar a gestão financeira e demonstrar a sua situação, a gestora informa que faz uma demonstração de caixa manualmente, e a partir dela sabe quanto está ganhando. Afirma que não realiza planejamento financeiro, e analisa a situação financeira da empresa de acordo com o pagamento das contas e o saldo de caixa.

Na gestão de ativos, a gestora relata que se preocupa primeiramente em investir em serviços e produtos que estão em alta e há demanda no mercado, mas também se preocupa em investir em serviços e produtos no qual há maior retorno, precisa ter todos, pois o mais importante é não perder o cliente, conforme expressa: “[...]eu tenho que trabalhar com todos os produtos, eu não posso perder cliente, tem uma cliente que chega aqui e só faz serviço com tal produto, se eu não tiver ela não vai fazer o serviço”, além disso, afirma fazer um controle manual para calcular os seus custos.

Na gestão de passivos, a gestora conta que controla suas contas através de anotações em um caderno, não faz nenhum tipo de financiamento, todos os investimentos são feitos à vista. Inicialmente utilizou cartão de crédito para financiar os cursos, mas atualmente a estrutura de capital da empresa é composta apenas pelo capital próprio, e por isso nunca teve problemas em relação a isso.

No que diz respeito a gestão do capital de giro, a gestora faz a demonstração de caixa manualmente, e utiliza o saldo líquido do final do mês para fazer reposição, comprando conforme a sua necessidade, pois conhece o tempo em que consome seu estoque de produtos, os serviços são pagos à vista ou no cartão para receber em um mês. Afirma nunca ter tido problema em relação à liquidez, sendo que o único desafio que afetou a gestão financeira foi devido os efeitos do isolamento e distanciamento social, pois diminui a sua demanda, antes conseguia atender cerca de vinte pessoas por dia, e passou atender em torno de cinco, então a receita do negócio diminuiu.

4.3.3 Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor

No que diz respeito às práticas gerenciais de longo prazo, em similaridade com a sua atitude financeira, o gestor se preocupa apenas com o curto prazo, não faz planejamento financeiro e analisa sua situação de acordo com as suas necessidades momentâneas.

Nas práticas gerenciais de curto prazo, em concordância com o seu comportamento financeiro, a gestora possui muita cautela em relação às estratégias de financiamento e uso de crédito, optando por não utilizá-las, sempre pagando as obrigações em dia, e nunca teve problemas com dívidas, porém não possui nenhuma reserva de capital. Acompanha e controla as finanças do negócio através de um controle das contas a pagar e a receber, feitos manualmente, e demonstração do fluxo de caixa para saber suas entradas e saídas.

As decisões de investimento são tomadas observando principalmente a alta demanda, portanto o baixo risco, mesmo critério utilizado em seu conhecimento sobre risco, retorno e diversificação exposto no seu conhecimento financeiro, também opta por investir em investimentos de menor demanda e maior retorno, portanto maior risco, no entanto, não o faz com o objetivo de obter maior retorno, mas sim de conquistar os clientes mais exigentes.

Nas decisões de financiamento, em conformidade com o seu comportamento financeiro e aos critérios expressos em seu conhecimento financeiro sobre juros de empréstimos, a gestora opta pela opção de financiamento que considera menos custosa, utilizando o capital próprio, sendo para ele a opção de pagamento mais conveniente.

4.4 Caso D

A empresa D é uma microempresa situada no município de Aracaju, do estado de Sergipe, e atua no mercado de automação comercial oferecendo softwares de gestão, há vinte

e seis anos, onde trabalham doze funcionários. A gestão do pequeno negócio fica a cargo do proprietário, do sexo masculino, casado, com quarenta e oito anos de idade, possuindo ensino superior completo, em desenvolvimento e análise de sistemas e ciências contábeis, com experiência profissional na área em que atua e com vinte e seis anos de experiência na área de gestão.

4.4.1 Educação Financeira do Gestor

Inicialmente o gestor expôs o seu conhecimento sobre os conceitos financeiros de divisão, valor do dinheiro no tempo, inflação, juros simples e compostos, juros em empréstimos, risco e retorno, e diversificação. No que diz respeito a divisão, segundo o gestor, se ele possuísse R\$500,00 e tivesse que dividir esse valor para comprar um presente para quatro parentes de forma igualitária, destinaria R\$125,00 para o presente de cada um.

Sobre valor do dinheiro no tempo, ao ser questionado se é correta a afirmação de que após um ano, uma quantia de R\$6000,00 que ele, hipoteticamente, possuísse em seu cofre particular, possuiria o mesmo valor, respondeu que “a gente não sabe né, do jeito que está não, [...] o poder aquisitivo do Brasil está caindo todo mês”.

Em relação à inflação, o gestor afirmou que se o dinheiro guardado em um banco estivesse rendendo a taxa de 3% a.a. e a inflação do período tivesse sido de 5% a. a., este dinheiro seria desvalorizado, conforme explica: “[...] estou aplicando a uma taxa menor do que a inflação,[...] o rendimento não acompanha o poder aquisitivo, ou seja, não vai vender o suficiente para se equiparar à inflação.”

Ao ser questionado sobre qual regime de juros deveria ser adotado para obter o maior retorno possível, se ele planejasse emprestar R\$ 1000,00 para ser pago após dois anos com a taxa de juros de 15% a.a, respondeu que utilizaria o regime de juros compostos, pois iria calcular os juros em cima dos juros.

No que diz respeito a juros sobre empréstimos, lhe foi indagado qual seria a melhor opção de pagamento para ele, caso quisesse realizar um empréstimo de R\$ 25000,00, se pagar por dois anos, sob uma taxa de juros de 3% ao ano, ou pagar por cinco anos, sob uma taxa de juros de 7,5% ao ano. Para essa indagação o gestor afirmou que optaria pela primeira opção porque se pagar em menos tempo o juros é menor, assim pagaria menos juros.

Sobre risco e retorno, foi interrogado em quais das seguintes opções ele consideraria a melhor para fazer um investimento, se a primeira opção que possui baixo risco e uma taxa de

retorno de 5% ao ano, ou a segunda que possui alto risco e uma taxa de retorno de 6% ao ano. A esta interrogação, declarou: “Olha sou um aplicador conservador, então não gosto de arriscar, então vou mais pela primeira opção, porque é de baixo risco”.

Em relação a diversificação, lhe foi questionado se ele investiria nas duas opções anteriores, caso a segunda opção tivesse um retorno proporcional ao seu risco, e ele respondeu que sim, investiria parte em uma e parte em outra, pois assim poderia arriscar ter um rendimento maior com menor risco, já garantindo para si algum retorno.

No que diz respeito ao seu comportamento financeiro, ele afirma que faz orçamento e planeja suas finanças, se quer fazer uma compra, analisa anteriormente sua situação financeira e compra dentro do seu limite, as vezes junta o valor antecipadamente e compra à vista, mas se for mais conveniente usa o cartão, sempre paga suas contas antecipadamente, especialmente se houver desconto, sempre deixando uma margem de segurança, e todo dinheiro restante aplica na poupança ou em um investimento.

O gestor afirma, no tocante às suas atitudes financeiras, que possui plano de previdência privada há muitos anos para garantir a sua aposentadoria e faz investimentos pensando no longo prazo, se prevenindo para os próximos dez ou vinte anos, pois não sente segurança na economia do país e precisa ter uma base para poder sobreviver.

4.4.2 Gestão Financeira do Pequeno Negócio

Para auxiliar a gestão financeira e demonstrar a sua situação, o gestor utiliza um sistema de gestão, que possui as demonstrações de fluxo de caixa, demonstrações do resultado do exercício, balanço patrimonial da empresa, além de fornecer diversas informações e estatísticas financeiras. Afirma que faz o planejamento financeiro para um ou dois anos, de acordo com as informações geradas pelo sistema, na análise seu principal indicador é o lucro, pois como se trata de uma empresa de serviço de softwares a maior parte dos custos é fixo e, portanto, o mais importante é estar atento aos seus custos fixos e a receita.

Ao fazer investimentos o gestor afirma que se baseia no retorno do investimento, procurando sempre conhecer o seu mercado através de pesquisa de mercado e análise de tendência, para assim diminuir o risco, que já é considerado baixo, conforme expressa: “[...] como a gente é serviço, vai sempre se voltar para as receitas, para o retorno, sempre, a gente não tem como arriscar como as empresas que trabalham com produto[...]”. Como já conhecem seus custos afirmam que só precisam ter cuidado em relação ao custo de pessoal, pois às vezes é mais rentável contratar um profissional mais caro que lhe entregará mais produtividade.

Na gestão de passivos, o gestor utiliza seu sistema para controlar os pagamentos e auxiliar a gestão, se precisar fazer financiamento procurará sempre a opção com menor custo, analisando sua capacidade de pagamento e as condições oferecidas, se as opções de a prazo e a vista forem iguais, dará preferência ao prazo para não descapitalizar. Inicialmente a empresa foi financiada pela sua família, e depois foi se retroalimentando com o seu lucro, crescendo assim o capital da empresa, sendo mantida atualmente pelo seu próprio capital. Afirma que só precisou fazer financiamento para montar uma nova empresa, entretanto, nunca teve problemas relacionados ao endividamento.

No que diz respeito à gestão do capital de giro, o gestor afirma que utiliza seu sistema para fazer os cálculos de prazo de pagamento e recebimento, sendo o capital de cada período acumulado durante o ano para ser distribuído no final do ano entre os sócios e a empresa. Informa que nunca aconteceu de ter problemas de liquidez, para ele o único desafio que afeta a gestão financeira da empresa é a carga tributária em cima da folha de pagamento.

4.4.3 Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor

Nas práticas gerenciais de longo prazo, o gestor, similarmente ao que expressou em sua atitude financeira, se preocupa com o futuro financeiro, por isso faz planejamento financeiro utilizando as informações geradas pelo seu sistema, sendo o lucro o seu principal indicador de análise. No que diz respeito às práticas gerenciais de curto prazo, em conformidade com o seu comportamento financeiro, o gestor não costuma utilizar o crédito, só fazendo caso obtenha vantagem financeira através dele, possui reserva de capital, e nunca teve problema financeiro relacionado a financiamentos ou a liquidez.

Acompanha e controla as finanças do negócios através de um sistema de gestão que fornece demonstrações de fluxo de caixa, demonstrações do resultado do exercício, e balanço patrimonial, para controlar suas entradas e saídas de capital, custos, recebimentos e pagamentos, além de outras informações financeiras, em conformidade com o que expressa no seu comportamento financeiro.

As decisões de investimento são tomadas se baseando no mesmo critério exposto no seu conhecimento financeiro sobre risco e retorno, analisa o retorno do valor investido, mas também se baseia nas demandas do mercado, visando dessa forma diminuir o risco do investimento, embora já o considere baixo.

Nas decisões de financiamento, o gestor analisa o custo de financiamento optando sempre pela opção de menor custo, similar ao raciocínio expresso ao escolher a melhor opção de pagamento de juros de empréstimo em seu conhecimento financeiro, observando a sua capacidade financeira e as condições de pagamento, conforme o seu comportamento financeiro.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS

Nesta seção será apresentada a análise comparativa dos casos, verificando semelhanças e divergências entre estes no que diz respeito à educação financeira do gestor, à gestão financeira do negócio, e aos aspectos da gestão financeira da empresa que podem ser influenciados pela educação financeira do gestor.

5.1 Educação Financeira do Gestor

Com o objetivo de conhecer o nível de educação financeira dos gestores, foram avaliados os seguintes elementos de análise: conhecimento financeiro, comportamento financeiro, e atitude financeira dos indivíduos. O conhecimento financeiro diz respeito à compreensão sobre os conceitos de divisão, valor do dinheiro no tempo, inflação, juros simples e composto, juros para empréstimos, relação de risco e retorno, e diversificação (OCDE, 2013). No quadro 06, segue uma demonstração dos conhecimentos financeiros expressos pelos gestores nas entrevistas.

Quadro 06 - Conhecimento financeiro dos gestores

Conceito financeiro	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Divisão	Sim	Sim	Não	Sim
Valor do dinheiro no tempo	Sim	Sim	Não	Sim
Inflação	Sim	Sim	Sim	Sim
Juros simples e composto	Sim	Sim	Sim	Sim
Juros para empréstimos	Sim	Sim	Sim	Sim
Relação risco e retorno	Sim	Sim	Sim	Sim
Diversificação	Sim	Sim	Não	Sim

Fonte: Entrevista com os gestores (2020).

Nos casos A, B e D os gestores demonstram um alto nível de conhecimento financeiro, expressando compreensão sobre os sete conceitos (100%), entretanto, no caso C, o gestor demonstra um nível de conhecimento financeiro médio, apresentando uma compreensão correta sobre quatro dos sete conceitos financeiros (57,14%). Este resultado assemelha-se ao resultado obtido por Canton e Barichello (2019), onde os empresários apresentaram uma média de acertos de 72,756% no conhecimento financeiro, o que expressa que os empreendedores, em sua maioria, possuíam um alto nível de conhecimento sobre os

principais conceitos financeiros e, portanto, estão mais preparados para avaliar suas finanças e tomar boas decisões financeiras.

O comportamento financeiro diz respeito a como um indivíduo administra suas finanças no seu cotidiano, se adota comportamentos como analisar sua capacidade de pagamento antes de fazer compras, não utilizar crédito sem planejar, pagar as contas em dia, não pegar empréstimo para cobrir contas e despesas, definir metas financeiras de longo prazo e esforçar-se para cumpri-las, manter as finanças sob controle, fazer poupanças e investimentos (OCDE, 2013). No quadro 07, segue uma demonstração dos comportamentos financeiros expressos pelos gestores nas entrevistas.

Quadro 07 - Comportamento financeiro dos gestores

Comportamento financeiro	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Analisar sua capacidade de pagamento antes de fazer compras	Sim	Sim	Sim	Sim
Não utilizar crédito sem planejar	Sim	Sim	Sim	Sim
Pagar as contas em dia	Sim	Não	Sim	Sim
Não pegar empréstimo para cobrir contas e despesas	Sim	Sim	Sim	Sim
Definir metas financeiras de longo prazo e esforçar-se para cumpri-las	Não	Não	Não	Sim
Manter as finanças sob controle	Sim	Não	Sim	Sim
Fazer poupanças e investimentos	Não	Não	Não	Sim

Fonte: Entrevista com os gestores (2020).

Nos casos A e C os gestores apresentam um nível alto de comportamento financeiro, possuindo cinco dos sete comportamentos, ou seja, 71,43% . Diferentemente dos casos anteriores, o gestor do caso B expressa um nível baixo de comportamento financeiro, apresentando três dos comportamentos financeiros, ou seja, 42,86%. Por fim, o gestor do caso D apresenta um alto nível de comportamento financeiro, possuindo 100% dos comportamentos ao administrar suas finanças pessoais.

Na pesquisa de Canton e Barichello (2019), os empresários apresentaram uma média de 70,83% no comportamento financeiro, o que significa que estes indivíduos possuem um alto nível de comportamento financeiro. O comportamento financeiro é considerado o fator de maior peso na educação financeira, pois apresenta a forma como as pessoas administram suas finanças no cotidiano, afetando assim a construção da sua segurança financeira (OCDE,

2013), logo, possuir um bom nível de comportamento financeiro diminui a sua suscetibilidade a problemas financeiros e garante mais segurança e bem-estar financeiro.

A atitude financeira deve ser analisada de acordo com as atitudes de um indivíduo em relação ao futuro, tais como ter um planejamento financeiro, poupar e fazer investimentos para o longo prazo, e possuir um plano para previdência, pois indivíduos que preferem priorizar suas vontades e necessidades de curto prazo dificilmente terão um plano para emergências e para o futuro (OCDE, 2013). No quadro 08, segue uma demonstração das atitudes financeiras expressas pelos gestores nas entrevistas.

Quadro 08 - Atitudes financeiras dos gestores

Atitude Financeira	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Possui planejamento financeiro.	Não	Não	Não	Sim
Possui plano de previdência.	Não	Não	Não	Sim
Possui poupança e investimentos focados no longo prazo.	Não	Não	Não	Sim

Fonte: Entrevista com os gestores(2020).

Os gestores dos casos A, B, e C demonstram um nível de atitude financeira baixa, ao não apresentarem nenhum tipo de atitude financeira, já o gestor do caso D apresenta um nível de atitude financeira alto, ao expressar possuir todas as atitudes financeiras. Esse resultado difere do resultado da pesquisa de Canton e Barichello (2019), onde os empresários expressaram uma atitude financeira média de 81,04%, o que demonstra que a maior parte destes possuíam um alto nível de atitude financeira, cooperando assim para sua segurança financeira a longo prazo.

Os resultados contrastantes entre as pesquisas podem ser consequência da incubação das empresas da última pesquisa que, segundo Canton e Barichello (2019), com o tempo acaba influenciando positivamente o conhecimento, o comportamento e a atitude financeira. É importante ressaltar que indivíduos que apresentam baixos níveis de atitude financeira demonstram priorizar o curto prazo, consequentemente negligenciando a necessidade de um plano para emergências, podendo assim entrar em dificuldades financeiras geradas por um acontecimento imprevisto.

O quadro 09, apresenta em síntese, os níveis de conhecimentos, comportamentos e atitudes financeiras dos gestores entrevistados.

Quadro 09 - Elementos de análise da educação financeira dos gestores

Elementos de Análise	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Conhecimento financeiro	Alto	Alto	Médio	Alto
Comportamento financeiro	Alto	Baixo	Alto	Alto
Atitude financeira	Baixo	Baixo	Baixo	Alto

Fonte: Resultado de análise das evidências (2020).

A partir do conhecimento, comportamento e atitude financeira podemos conhecer o nível de educação financeira dos gestores de cada caso. Os gestores dos casos B e C apresentam um nível de educação financeira médio, já o gestor do caso A demonstra um alto nível de educação financeira, e por fim, o gestor do caso D, apresenta um nível de educação financeira muito alto, influenciada pela sua graduação em ciências contábeis. Esse resultado contrasta com o da pesquisa de Canton e Barichello (2019), onde os empreendedores apresentaram uma média de 74,877% de educação financeira, o que indica que a maioria possuía um alto nível de educação financeira.

Esses resultados demonstram que os gestores dos pequenos negócios possuem níveis diferentes de educação financeira, e por isso possuem situações financeiras distintas. Os níveis médios de educação financeira dos casos B e C revelam que apesar de possuírem certo cuidado e competência, há brechas que podem trazer malefícios financeiros a curto e longo prazo. Em contrapartida, o alto nível de educação financeira do gestor do caso A, demonstra, que apesar de haver pequenas brechas, consegue alcançar estabilidade financeira no curto prazo. Por fim, o nível muito alto de educação financeira do caso D, apresenta uma educação financeira perfeita promovendo seu bem-estar financeiro a curto e longo prazo.

5.2 Gestão Financeira da Empresa

Para atingir o objetivo de conhecer como é feita a gestão financeira da empresa foram analisados como são feitos o planejamento, análise e controle financeiro, a gestão de ativos, a gestão de passivos, a gestão de capital de giro, e as ferramentas utilizadas para auxiliar os gestores.

O primeiro elemento a ser analisado são as ferramentas utilizadas para auxiliar e demonstrar sua situação financeira pelos pequenos negócios. No Caso A, B, e C os gestores utilizam apenas a demonstração de fluxo de caixa feita manualmente, enquanto o gestor do

caso D utiliza não apenas a demonstração de fluxo de caixa, como também a demonstração de resultado do exercício e balanço patrimonial gerados pelo seu sistema de gestão.

Em geral, há três demonstrações financeiras básicas importantes para auxiliar a tomada de decisão nos pequenos negócios, o balanço patrimonial, a demonstração de resultado do exercício, e a demonstração de fluxo de caixa (LONGNECKER *et al*, 2007), entretanto, pesquisas apontam que estas empresas não fazem muito uso de tais ferramentas, dando sempre maior importância e utilização para demonstração do fluxo de caixa (SANTOS, 2019; RODRIGUES; MELO; LEONE, 2015).

O uso isolado da demonstração de caixa sem o apoio das outras demonstrações, presentes em ambas as pesquisas, pode gerar conclusões equivocadas sobre a real situação financeira, pois cada demonstração revela um aspecto diferente das finanças, mas que são igualmente importantes e, portanto, pode levar a decisões financeiras inadequadas que ofereçam malefícios às finanças empresariais.

No que diz respeito ao planejamento, análise e controle financeiro, as empresas dos casos A, B e C não elaboram planejamento financeiro, e analisam sua situação financeira baseando-se em diferentes indicadores, o caso A pelo fluxo de caixa e o giro de estoque, o caso B pela sua receita de vendas, e o caso C pelo seu saldo de caixa e cumprimento das obrigações. Diferentemente das anteriores, a empresa do caso D confecciona um planejamento financeiro para um ou dois anos, e analisa sua situação financeira com base nos seus custos fixos e receita de vendas, sendo o lucro seu principal indicador.

Esta falta de planejamento financeiro predominante nos casos acima, podem gerar gastos inesperados a empresa que, associados à pequena quantidade de indicadores de análise utilizada pelos quatro casos, podem ocasionar, posteriormente, algum problema financeiro, visto que a análise negligencia outros aspectos da gestão financeira que influenciam a saúde financeira das pequenas empresas.

O planejamento financeiro é uma ferramenta essencial para orientar as decisões financeiras nas pequenas empresas devido ao seu capital limitado (ROSA; LIMA, 2014), utilizando indicadores de liquidez, rentabilidade, atividade e endividamento como base para analisar e controlar as finanças (GITMAN, 2010; ROSETTI *et al.*, 2008), entretanto, assim como esta, as pesquisas de Santos (2019), Rodrigues, Melo e Leone (2015), revelam que a maior parte das pequenas empresas não confecciona um planejamento financeiro.

Segundo Rosetti *et al.* (2008), na gestão de ativos as decisões de investimentos devem ser tomadas analisando o risco e o retorno, buscando a melhor relação entre eles, podendo utilizar a estratégia de diversificação para alcançar esse objetivo. Segundo as pesquisas de gestão financeira em pequenas empresas de Santos (2019), Rodrigues, Melo e Leone (2015) na gestão de ativos, as decisões de financiamentos são tomadas sem nenhum tipo de embasamento que indique a melhor opção de investimento.

Nesta pesquisa, as evidências demonstram que na gestão de ativos, os casos A, B, C e D demonstraram tomar decisões de investimento baseados no retorno que poderiam obter, mas também analisando o risco atrelado a este, dada a preocupação expressa da necessidade de conhecer e atender as necessidades da sua demanda. Dentre as quatro empresas, três expressaram utilizar a estratégia de diversificação para alcançar um retorno maior com risco reduzido, sendo que apenas o caso D não se pronunciou a respeito. Entretanto, é importante ressaltar que a empresa do caso C não a utiliza com o objetivo de obter maior retorno, mas com o intuito de manter seus clientes mais exigentes. O uso desses critérios e estratégia permite que as empresas consigam uma maior lucratividade com risco reduzido.

Outro fator importante a ser analisado na gestão de ativos para garantir a lucratividade dos negócios são os custos (ROSETTI *et al.*, 2008), cujas pesquisas de Santos (2019), Carmo, Santos e Lima (2013), apontam que a gestão financeira de pequenas empresas costuma dar importância, conhecendo tanto os custos dos produtos quanto a sua capacidade de arcar com eles, por ser um fator de grande relevância para a sua existência.

Nesta pesquisa todos gestores afirmaram conhecer e fazer o cálculo dos custos, embora expressem utilizar diferentes ferramentas, o caso A e C fazem o cálculo manualmente, o caso B faz o cálculo com uma planilha de controle de gastos e de acordo com as saídas de caixa, e o caso D utiliza um sistema de gestão, dessa forma, as empresas garantem que a sua lucratividade não seja consumida pelos seus custos.

Na gestão de passivos, as decisões de financiamento dos quatro casos são tomadas baseando-se na opção que oferecer o menor custo, levando em conta a sua capacidade financeira e as condições de pagamento, utilizando ferramentas diferentes, o gestor do caso A utiliza um controle de contas a pagar manual, o gestor do caso B utiliza uma planilha, o gestor do caso C utiliza um caderno de anotações para controlar manualmente, e o gestor do caso D utiliza seu sistema de gestão.

Diferentemente destas evidências, a pesquisa de Santos (2019), revela que a maior parte das pequenas empresas não estuda as suas opções de financiamentos e nem analisa sua necessidade de capital de giro, desconsiderando assim a sua capacidade de pagamento. Ao tomar decisões de financiamento baseadas no menor custo, analisando sua capacidade de pagamento os gestores garantem aos seus negócios maiores retornos preservando a sua liquidez.

A gestão de passivos deve se basear em tomar decisões de financiamentos que minimizem os custos atrelados a eles, preservando a capacidade de pagamentos, encontrando assim a melhor proporção entre capital próprio e capital de terceiros (ROSETTI *et al.*, 2008. ASSAF NETO, 2012), sendo o financiamento desses negócios provenientes principalmente de fontes mais próximas ao gestor, como as economias próprias e de familiares, os empréstimos bancários e os fornecedores (LONGNECKER *et al.*, 2007).

Inicialmente o financiamento da empresa foi feito no caso A através de empréstimo bancário, e se mantêm com 60% de capital próprio e 40% de capital de terceiros advindo de empréstimos e financiamentos. No caso B o financiamento inicial veio de sua família, entretanto, atualmente é mantido por 90% de seu capital e 10% de capital de fornecedores. A adoção de capital de terceiros na estrutura financeira dos dois casos permite que as empresas ampliem seu capital, sua atividade e seu retorno, embora também aumentem o risco de contrair problemas financeiros, caso não seja devidamente administrado. Já no caso C, o capital inicial veio do próprio gestor e de seu cartão de crédito, e no caso D, foi proveniente da sua família, entretanto, diferentemente das demais, estas duas se mantêm atualmente apenas com capital próprio, minimizando assim o seu risco de adquirir problemas financeiros.

Na gestão de capital de giro todas as empresas afirmaram que controlam as entradas e saídas de caixa através da demonstração de fluxo de caixa, as contas a pagar e as contas a receber por meio de diferentes ferramentas, entretanto, apenas as empresas A e D possuem capital de giro líquido, e apenas a empresa do caso A controla e acompanha o estoque, sendo que o controle de estoque não se aplica a empresa D.

Sendo assim, os quatro casos demonstram ser cautelosos, acompanhando e controlando o seu capital de curto prazo, entretanto, diferente dos casos A e D, que mantêm sua liquidez em um limite que lhe proporcione segurança a curto prazo, os casos B e C trabalham com um capital extremamente limitado mantendo a liquidez da empresa no limite

máximo, aproximando-se da escassez de capital, podendo gerar consequências negativas à sua saúde financeira.

Este resultado assemelha-se com o resultado de outras pesquisas que revelam que os pequenos negócios tendem a executar uma boa gestão do capital de giro mantendo controle sobre o seu caixa, contas a pagar, e contas a receber, entretanto, se diferencia em relação ao controle de estoque, pois geralmente a maioria das pequenas empresas costuma controlá-los (SANTOS, 2019; RODRIGUES; MELO; LEONE, 2015, DOMINGUES *et al.*, 2017; VOGEL; WOOD JR, 2013).

Executar uma boa gestão do capital de giro nas finanças dos pequenos negócios, especialmente possuindo uma quantia de capital de giro líquido, é muito importante para garantir a sua sobrevivência, evitando a escassez de capital, fator que gera diversos problemas financeiros a este tipo de negócio devido a sua limitação de recursos (GITMAN, 2010; LONGNECKER *et al.*, 2007).

É importante ressaltar que dentre as quatro empresas pesquisadas apenas a empresa do caso “B” revelou problemas relativos à gestão do capital de giro gerada tanto por sentir necessidade de capital de giro, quanto por não conseguir cobrir algumas obrigações. As demais apresentaram problemas associados à concorrência, caso A, carga tributária, caso D, e queda na receita de vendas consequente da pandemia da COVID-19, casos B e C.

Os problemas apresentados nesta pesquisa coincidem com a lista de problemas gerenciais e financeiros exposta nas pesquisas de Santos (2019), e de Rodrigues, Melo e Leone (2015), sobre gestão financeira nas pequenas empresas, onde foram destacadas dificuldades e desafios atrelados a alta tributação, escassez de capital de giro, alta concorrência, ambiente econômico, falta de organização e a falta de conhecimentos técnicos e gerenciais. No quadro 10, da página seguinte, segue uma síntese de como a gestão financeira é executada pelos casos desta pesquisa.

Em suma, de acordo com as evidências coletadas, pode se afirmar que, a gestão financeira dos casos B e C é executada com foco no curto prazo, utilizando métodos e ferramentas simples e práticas, onde não é necessário dedicar muito tempo nem tampouco possuir conhecimento técnico aprofundado, buscando assim alcançar lucratividade enquanto mantêm a liquidez do negócio no limite, estando assim mais sujeitas às alterações do ambiente e a problemas para cobrir as obrigações de curto prazo.

Quadro 10 - Gestão financeira dos pequenos negócios.

Caso	Ferramentas financeiras	Planejamento, análise e controle financeiro	Gestão de ativos	Gestão de passivos	Gestão de capital de giro	Desafios e problemas gerenciais
A	DFC.	Não faz planejamento, e utiliza o fluxo de caixa e o giro de estoque como indicador para analisar a situação financeira.	Toma decisões de investimento com base no risco e retorno, utilizando a estratégia de diversificação e analisando os custos para obter maior lucro.	Toma decisões de financiamento com base no menor custo de acordo com as condições de pagamento. Utiliza um controle manual para controlar os passivos. Financiamento inicial por empréstimo bancário, e atualmente 60% capital próprio e 40% de terceiros através dos empréstimos e financiamentos.	Controla o caixa, através da demonstração de caixa, as contas a pagar e as contas a receber, através de um controle manual, e o estoque, através de um sistema. Possui capital de giro líquido.	Concorrência.
B	DFC.	Não faz planejamento, e utiliza a receita de vendas como indicador para analisar a situação financeira.	Toma decisões de investimento baseada no risco e retorno, utilizando a estratégia de diversificação e analisando os custos para obter maior lucro.	Toma decisões de financiamento com base no menor custo de acordo com as condições de pagamento. Utiliza uma planilha para controlar os passivos. Financiamento inicial através de familiares, e atualmente 90% capital próprio e 10% de terceiros através dos fornecedores.	Controla o caixa, através da demonstração de caixa, as contas a pagar, através de uma planilha, as contas a receber, através de um controle manual.	Falta de capital de giro e queda na receita de vendas devido a pandemia da Covid-19.
C	DFC	Não faz planejamento, e utiliza o fluxo de caixa e pagamento das obrigações como indicador para analisar a situação financeira.	Toma decisões de investimento baseada no risco e no retorno, analisando os custos para obter maior lucro.	Toma decisões de financiamento com base no menor custo de acordo com as condições de pagamento. Utiliza um caderno para controlar os passivos. Financiamento inicial próprio com cartão de crédito, e atualmente apenas com capital próprio.	Controla o caixa, através da demonstração de caixa, as contas a pagar e as contas a receber, através de anotações em um caderno.	Queda na receita de vendas devido a pandemia da Covid-19.
D	DFC; DRE; BP.	Elabora para um ou dois anos, e utiliza a receita, os custos fixos e o lucro como indicador para analisar a situação financeira	Toma decisões de investimento com base no risco e retorno, analisando os custos para garantir uma lucratividade maior.	Toma decisões de financiamento com base no menor custo de acordo com as condições de pagamento. Utiliza um sistema de gestão para controlar os passivos. Financiamento inicial através de familiares e atual apenas com o capital próprio.	Controla o caixa, através da demonstração de caixa, as contas a pagar e as contas a receber, pelo sistema de gestão. Possui capital de giro líquido.	Carga tributária.

Fonte: Resultado de análise das evidências (2020)

No caso A a gestão financeira também é focada no curto prazo, com métodos e ferramentas simples e práticas, entretanto, busca não apenas alcançar uma lucratividade maior para o seu negócio como também preservar a liquidez deste, colaborando assim para sua segurança e estabilidade no curto prazo, sem sujeitar-se a problemas financeiros causados por variações do seu ambiente ou pelo seu endividamento.

Por fim, no caso D a gestão financeira é voltada para o longo prazo, com métodos e ferramentas mais sofisticadas, que lhe permitem obter informações mais completas e precisas sobre a situação financeira da sua empresa, buscando assim preservar a lucratividade e a liquidez do negócio, promovendo mais segurança e estabilidade no curto e no longo prazo, estando menos suscetível às variações ambientais ou a problemas de endividamento.

Apesar das quatro empresas possuírem características semelhantes como pequenos negócios, é importante ressaltar que as empresas dos casos B e C são caracterizadas como microempreendedor individual, e as empresas dos casos A e D como microempresa e, portanto, possuem capacidade financeira diferentes, influenciando assim a forma com a gestão financeira é feita, visto que, o microempreendedor individual fatura e movimenta quantia financeira inferior ao da microempresa (BRASIL, 2006), o que o torna mais limitado financeiramente.

5.3 Aspectos Da Gestão Financeira Que Podem Ser Influenciados Pela Educação Financeira Do Gestor

Para compreender se há aspectos da gestão financeira que podem ser influenciados pela educação financeira do gestor, foram analisadas as práticas e desafios gerenciais, bem como as decisões de investimento e as decisões de financiamento da gestão financeira, em comparação com o conhecimento, comportamento e atitude financeira dos gestores, buscando conformidades e diferenças entre eles.

Nos casos A, B, C e D, as práticas gerenciais de longo prazo demonstraram conformidade em relação ao exposto na atitude financeira dos gestores, nos três primeiros o planejamento financeiro não é utilizado, mantendo o foco apenas no curto prazo, já no último caso, o planejamento financeiro é utilizado, demonstrando a importância e preocupação do gestor para com o futuro, prevenindo-se assim de gastos inesperados e garantindo sua segurança a longo prazo, ao contrário dos demais casos.

No que diz respeito ao curto prazo, às práticas e desafios gerenciais dos casos A, B, C e D apresentam semelhanças com o comportamento financeiro dos gestores em relação ao uso de crédito, planejando e analisando a capacidade de pagamento previamente nos casos A e B e optando por não utilizá-lo com frequência nos casos C e D, ao pagamento de contas, em dia nos casos A, C e D e com histórico de algum atraso no caso B, aos problemas financeiros, ausência nos casos A, C e D e presença no caso D, ao acompanhamento e controle das finanças, presente nos casos A, C e D, e à reserva financeira, ausente no caso B e C e presente no caso D. Logo, os gestores que possuem maior comportamento financeiro garantem para suas empresas uma maior liquidez e estabilidade no curto prazo.

Entretanto, é importante ressaltar que apesar de todas estas semelhanças houve dois casos que apresentaram diferenças entre as práticas gerenciais e o comportamento financeiro do gestor, no caso B, em relação ao acompanhamento e controle das finanças, e no caso A, em relação à reserva financeira, pois apesar de praticarem na administração financeira do seu pequeno negócio, os gestores não adotam tal comportamento na sua vida pessoal. Esses exemplos demonstram que embora não seja a regra, pode acontecer de o comportamento financeiro do gestor não influenciar algum aspecto da sua gestão de curto prazo.

As decisões de investimento dos casos A, B, C e D são tomadas com base nos mesmos critérios utilizados no seu conhecimento financeiro sobre risco, retorno e diversificação com exceção do caso D, que apesar de expressar conhecimento financeiro sobre a estratégia de diversificação não expressou utilizá-la na gestão de ativos da gestão financeira da sua empresa. Nos casos A e B, os gestores procuram uma boa relação entre risco e retorno, utilizando a estratégia de diversificação para maximizar o retorno. Já no caso C, o gestor faz investimentos buscando o menor risco. E no caso D, o gestor faz investimentos analisando o risco e o retorno do investimento. Logo, gestores que apresentam um melhor conhecimento financeiro sobre a relação de risco e retorno, e a estratégia de diversificação, tomam decisões que podem ser mais lucrativas para suas empresas.

Nas decisões de financiamento, os casos A, B, C e D, utilizam o mesmo critério exposto no seu conhecimento financeiro de juros sobre empréstimos, a opção de menor custo, além de fazer uma análise da sua capacidade financeira e das condições de pagamento do financiamento, de acordo com o que foi expresso no comportamento financeiro. Tal resultado demonstra que gestores que têm conhecimentos sobre Juros, em especial juros sobre empréstimos, associado ao comportamento financeiro de analisar sua capacidade de

pagamento antes de utilizar seu crédito, garantem para seus pequenos negócios maior liquidez e lucratividade. Na página seguinte, o Quadro 11 apresenta os aspectos da gestão financeira de cada caso que são influenciados pela educação financeira do gestor.

Essas conformidades entre as práticas e decisões financeiras e os elementos da educação financeira provenientes de gestores com diferentes níveis de educação financeira expõe a influência que esta exerce sobre a gestão financeira dos negócios, e demonstram que quanto maior for a educação financeira de um indivíduo melhor será a gestão financeira do negócio.

O resultado desta pesquisa, coincide com o resultado da pesquisa de Weber (2019), sobre a relação da educação financeira de gestores de PMES e a performance organizacional, onde demonstra haver correlação positiva entre a educação financeira e a performance da organização afirmando, portanto, que quanto maior for o nível da sua educação financeira maior será a sua performance.

Em concordância com essa afirmativa Bitencourt (2004, p.72), afirma que “[...] as organizações são a extensão das aspirações das pessoas, elas são da matéria que foram formadas”, por isso é necessário que os pequenos empresários façam primeiramente uma boa gestão das suas finanças pessoais para depois conseguirem fazer uma boa gestão dos recursos financeiros da empresa, pois como a habilidade de gerir o dinheiro não nasce com o seres humanos, necessita ser construída através de um longo processo de educação financeira (BITENCOURT, 2004).

A influência da educação financeira do gestor sobre a gestão financeira exposta acima evidencia a sua importância para as pequenas empresas, visto que, a gestão financeira do caso A, cujo gestor possui um alto nível de educação financeira, e do caso D, cujo gestor tem um nível de educação financeira muito alto, possui maior segurança e estabilidade estando menos propensa a sofrer com alterações ambientais ou problemas de endividamento, a curto prazo no caso A e a longo prazo no caso D.

Em comparação, a gestão financeira dos casos B e C, cujos gestores possuem um nível médio de educação financeira, possuem menor segurança e estão mais suscetíveis às alterações do ambiente e a problemas para cobrir as obrigações de curto prazo. Sendo assim, é possível afirmar que a educação financeira do gestor tem um papel importante para promover tranquilidade e saúde às finanças empresariais, tornando-as menos suscetíveis a problemas financeiros e mudanças no ambiente externo da empresa.

Quadro 11 - Aspectos da gestão financeira influenciados pela educação financeira do gestor.

	Caso A	Caso B	Caso C	Caso D
Práticas e desafios gerenciais	No longo prazo, é influenciada pela atitude financeira, não faz planejamento financeiro e mantém o foco no curto prazo. No curto prazo, é influenciada pelo comportamento financeiro, em relação ao uso de crédito, pagamento das contas, e ausência de problemas financeiros, entretanto, controla e acompanha as finanças através da demonstração de fluxo de caixa, controle manual das contas a pagar e a receber, e controle de estoque, entretanto, diferencia-se em relação a reserva financeira.	No longo prazo, é influenciada pela atitude financeira, não faz planejamento financeiro e mantém o foco no curto prazo. No curto prazo, é influenciada pelo comportamento financeiro, em relação ao uso de crédito, pagamento das contas, reserva financeira, presença de problemas financeiros para cobrir suas obrigações, controla e acompanha as finanças através da demonstração de fluxo de caixa, controle das contas a pagar e a receber, diferente do exposto no seu comportamento financeiro.	No longo prazo, é influenciada pela atitude financeira, não faz planejamento financeiro e mantém o foco no curto prazo. No curto prazo, é influenciada pelo comportamento financeiro, em relação ao uso de crédito, pagamento das contas, reserva financeira, ausência de problemas financeiros, controla e acompanha as finanças através da demonstração de fluxo de caixa, controle de contas a pagar e a receber.	No longo prazo, é influenciada pela atitude financeira, faz planejamento financeiro preocupando-se com o futuro da empresa. No curto prazo, é influenciada pelo comportamento financeiro, em relação ao uso de crédito, pagamento das contas, reserva financeira, ausência de problemas financeiros, controla e acompanha as finanças através de um sistema de gestão, para controlar suas entradas e saídas de capital, custos, recebimentos e pagamentos, e fornecer as demonstrações do fluxo de caixa, de resultado do exercício, e balanço patrimonial.
Decisões de investimento	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de risco e retorno, procurando uma relação proporcional entre estes, e de diversificação de investimentos, de forma a maximizar o retorno e minimizar o risco.	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de risco e retorno, procurando uma relação proporcional entre estes, e de diversificação de investimentos, de forma a maximizar o retorno e minimizar o risco.	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de risco e retorno e diversificação, procurando focar em investimentos de menor risco.	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de risco e retorno, procurando uma relação proporcional entre estes.
Decisões de Financiamento	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de juros sobre empréstimos, optando pelo menor custo, e pelo comportamento financeiro ao analisar sua capacidade financeira e as condições de pagamento.	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de juros sobre empréstimos, optando pelo menor custo, e pelo comportamento financeiro ao analisar sua capacidade financeira e as condições de pagamento.	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de juros sobre empréstimos, optando pelo menor custo, e pelo comportamento financeiro ao analisar sua capacidade financeira e as condições de pagamento.	São influenciadas pelo conhecimento financeiro de juros sobre empréstimos, optando pelo menor custo, e pelo comportamento financeiro ao analisar sua capacidade financeira e as condições de pagamento.

Fonte: Resultado de análise das evidências (2020)

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve o propósito de compreender como a educação financeira dos gestores de pequenos negócios influenciam na gestão financeira destes. Para alcançar esse objetivo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro gestores de pequenos negócios, com intuito de conhecer seu nível de educação financeira, a forma como é feita a gestão financeira, e compreender se existem aspectos da gestão financeira dessas pequenas empresas que são determinados pela educação financeira dos gestores.

A pesquisa revelou que os gestores possuem níveis de educação financeira diferentes de acordo com seu conhecimento, comportamento e atitude financeira. De acordo com as evidências, o gestor do caso B e C possui um nível médio de educação financeira, e por isso, apesar de seu empenho e capacidade, há fraquezas que podem afetar suas finanças a curto e longo prazo. O gestor do caso A possui alto nível de educação financeira, o que lhe confere maior segurança financeira a curto prazo, sendo menos provável adquirir problemas financeiros. Já o gestor do caso D, possui um nível de educação financeira muito alto, preenchendo todos os requisitos necessários, o que implica em uma vida financeira mais segura e saudável a curto e longo prazo.

No que diz respeito à gestão financeira das pequenas empresas, são executadas utilizando métodos e ferramentas simples e práticos, nos casos A, B e C, e mais sofisticadas no caso D buscando alcançar lucratividade; mantendo a liquidez no limite; nos casos B e C, se sujeitando a possíveis problemas financeiros por falta de capital de giro e as variações de seu ambiente; e preservando a liquidez, nos casos A e D, cooperando para a estabilidade financeira do pequeno negócio, a curto prazo no casos A e a longo prazo no caso D.

Por fim, a pesquisa aponta que nos quatros casos a gestão financeira dos pequenos negócios são influenciadas pela educação financeira em relação a forma como faz planejamento financeiro, utiliza o crédito, paga as contas, acompanha e controla as finanças, reserva dinheiro, adquire ou não problemas financeiros, e nos critérios utilizados para tomar decisões de investimento e financiamento, revelando que quanto maior for o nível de educação financeira dos gestores melhor será a gestão financeira da empresa, sendo um fator importante para melhorar a gestão financeira das pequenas empresas, e promover estabilidade e saúde às finanças empresariais.

Através das informações supracitadas, é possível afirmar que os objetivos desta pesquisa foram atingidos e o questionamento central respondido, buscando assim contribuir para a exploração do tema educação financeira no Brasil, especialmente no que diz respeito à educação financeira voltada ao mundo empresarial. Por fim, vale destacar aqui não somente um alerta a necessidade dos empresários-gestores procurarem desenvolver sua educação financeira como meio de melhorar a gestão financeira dos seus negócios, como também a importância das universidades desenvolverem projetos voltados a estes, como meio de influenciar positivamente a economia local.

6.1 Principais Contribuições, Limitações e Sugestões para Pesquisas Futuras

Esta pesquisa não tem como finalidade esgotar o tema, mas visa ampliar a exploração do assunto educação financeira no Brasil voltada a empresários. Dentre os achados da pesquisa, destacam-se as principais contribuições:

- Demonstrar a influência da atitude financeira do gestor nas práticas gerenciais de longo prazo, no que diz respeito ao uso de planejamento financeiro; para garantir mais segurança a longo prazo;
- Demonstrar a influência do comportamento financeiro do gestor nas práticas gerenciais de curto-prazo, em relação ao uso de crédito, pagamentos de contas, reserva financeira, acompanhamento e controle financeiro, e ausência ou presença de problemas financeiros, para dar liquidez às finanças empresariais;
- Demonstrar a influência do conhecimento financeiro sobre a relação risco e retorno, e diversificação, nas decisões de investimento, para garantir a lucratividade da sua empresa;
- Demonstrar a influência do conhecimento financeiro de Juros, em especial juros sobre empréstimos, além do comportamento financeiro de analisar sua capacidade de pagamento nas decisões de financiamento, para manter a liquidez e a lucratividade dos pequenos negócios;
- Demonstrar a relevância de um gestor possuir uma educação financeira de alto nível para assim, promover saúde e estabilidade financeira a sua pequena empresa.

Apesar de tais contribuições, é importante ressaltar que a pesquisa foi afetada por algumas limitações durante o seu desenvolvimento, sendo elas, a falta de padrões para análise da educação financeira encontrada nas pesquisas, e o fato da coleta de evidências ser realizada

com apenas uma fonte evidência, a entrevista semi-estruturada, possibilitando ao entrevistado minimizar ou modificar as informações, podendo não refletir a realidade do seu negócio, influenciando assim o resultado da pesquisa.

Para pesquisas futuras sugere-se reaplicar a pesquisa separando os três diferentes tipos de pequena empresa, se possível com dois tipos de fontes de evidências, entrevista semiestruturada e documental, e um estudo quantitativo, a fim de estabelecer uma comparação entre os resultados, destacando os pontos semelhantes e diferentes, com objetivo de enriquecer e aprofundar o conhecimento sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AMORIM, E. R.; XAVIER FILHO, J. L. J. Quem Forma Gestores? Evidências Da Formação Coletiva Do Gestor A Partir Das Finanças Pessoais E A Concepção De Habitus Em Bourdieu. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 9, n. 3, 2019.

ANBIMA. **Raio X do Investidor Brasileiro**. ANBIMA. 2018. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2018.htm Acesso em: 22 nov. 2019.

ASSAF NETO, A. **Finanças Corporativas e Valor**. 6º edição. São Paulo. Atlas, 2012.

BRASIL. LEI COMPLEMENTAR Nº 123, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2006. **Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte**, Brasília, DF, Dez. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm Acesso em: 20 nov. 2019.

BRUCKHEIMER, J. E; PINTER, C. A. Z.; MARCON, D. P. Educação Financeira Para Empresários Da Associação Das Pequenas E Micro Empresas Da Região De Tubarão. In: **II SIPPE Simpósio de Inovação em Práticas de Pesquisa de Extensão**, 2017, Palhoça.

BRÖNSTRUP, T. M.; BECKER, K. L. Educação financeira nas escolas: estudo de caso de uma escola privada de ensino fundamental no município de santa maria (rs)= financial education in schools: a case study of a private elementary school in santa maria (rs) city. **CAMINE: Caminhos da Educação= Camine: Ways of Education**, v. 8, n. 2, p. 19-44.

BITENCOURT, C. M. G. **Finanças pessoais versus finanças empresariais**. 2004. 86f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Programa De Pós-graduação Em Economia, Faculdade De Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CAMPOS, C. R. et al. Reflexões Sobre A Educação Financeira E Suas Interfaces Com A Educação Matemática E A Educação Crítica Reflections On Financial Education And The Interface With Math Education And Critical Education. **Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, v. 17, n. 3, p. 556-577, 2015.

CANTON, V. I. M.; BARICHELO, R. Nível de Alfabetização Financeira de Empreendedores Incubados. **Revista de Administração IMED**, v. 9, p. 28-49, 2019.

CARMO, C. R. S.; SANTOS, T. G.; LIMA, I. G. A utilização de “artefatos de custos” por micro e pequenas empresas (MPes) da cidade de Uberlândia-MG, Brasil. **Revista Digital del Instituto Internacional de Costos**, n. 12, p. 5-27, 2013.

CEZARINO, L. O.; CAMPOMAR, M. C. Micro e pequenas empresas: características estruturais e gerenciais. **Revista Hispeci & Lema**, v. 9, p. 10-12, 2006.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA JUNIOR, C. A.; CLARO, O. M. B. Educação Financeira: Um Instrumento De Consciência Econômica Financial Education: A Tool For Economic Consciousness. **Revista De Educação Matemática E Tecnológica Iberoamericana**. v. 4, n. 3. 2013.

DIAS, M. A. **A importância da educação financeira para a sustentabilidade de pequenos negócios**. 2018. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Financeira) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

DOMINGUES, O. G. D. et al. Gestão de capital de giro e formação do preço de venda praticado pelas micro e pequenas empresas. **REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL-Universidade Federal do Rio Grande do Norte-ISSN 2176-9036**, v. 9, n. 1, p. 77-96, 2017.

EISENHARDT, K. M. Building theory from case study research. **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

FERREIRA, V. R. M. Educação Financeira e Psicologia Econômica? uma discussão e algumas recomendações. In: 2º. Encontro Brasileiro de Economia e Finanças Comportamentais, FGV-SP, 2015, SÃO PAULO. **Anais do 2º. Encontro Brasileiro de Economia e Finanças Comportamentais**, FGV-SP. SÃO PAULO: FGV-SP, 2015.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo**. GEM. 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em 14 fev. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA. 2008.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 10 ed. São Paulo: Pearson. 2004.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12 ed. São Paulo: Pearson. 2010.

GONÇALVES, V. N.; PONCHIO, M. C. Quem Pensa no Futuro Poupa Mais? O Papel Mediador do Conhecimento Financeiro na Relação entre Orientação para o Futuro e Segurança Financeira Pessoal. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 17, n. 4, p. 472-486, 2018.

KICH, T. G. F. et al. Análise da relação do nível de educação financeira com os vieses comportamentais para universitários brasileiros. **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 7, n. 2, p. 53-73, 2018.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

LONGNECKER, J. G. et al. **Administração de pequenas empresas**. 13ª ed. São Paulo: Thomson, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas; 2003.

MONTEIRO, J. M.; BARBOSA, J. D. Controladoria empresarial: gestão econômica para as micro e pequenas empresas. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 5, n. 2, p. 38-59, 2011.

OCDE. **Recommendation On Principles and Good practices for financial education and awareness**. 2005. Disponível em:
<<http://www.oecd.org/finance/financialeducation/35108560.pdf>> Acesso em: 08 jan. 2020.

OCDE. **Measuring financial literacy: Core questionnaire in measuring financial literacy: Questionnaire and guidance notes for conducting an internationally comparable survey of financial literacy**. Paris: OCDE, 2011. Disponível em:
<https://www.oecd.org/finance/financial-education/49319977.pdf> Acesso em: 01 set. 2020.

OCDE. **Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender**. 2013. Disponível em: https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/TrustFund2013_OECD_INFE_Fin_Lit_and_Incl_SurveyResults_by_Country_and_Gender.pdf Acesso em: 01 set. 2020.

PELISSARI, A. S.; GONZALEZ, I. V. F. P.; VANALLE, R. M. Competências gerenciais: um estudo em pequenas empresas de confecções. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 17, n. 1, p. 149-180, 2011.

PINHEIRO, R. P. Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão. **São Paulo: Peixoto Neto**, 2008.

POTRICH, A. C. G. et al. Educação Financeira dos Gaúchos: Proposição de uma Medida e Relação com as Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 9, n. 3, 2015.

RODRIGUES, J. P. L.; MELO, M. A.; LEONE, R. J. G. Gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo no setor supermercadista de Mossoró-RN. **CONNEXIO-ISSN 2236-8760**, v. 5, n. 1, p. 125-140, 2015.

ROSA, J. A.; LIMA, R. A. **A importância do planejamento financeiro para micro e pequenas empresas**. 2014.

ROSSETTI, J. P. et al. **Finanças corporativas: teoria e prática empresarial no Brasil**. São Paulo. Elsevier. 2008

SANTIAGO, A. A educação financeira escolar em Portugal. **Boletim Gepem**, p. 20-30, 2015.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. de A.. Paradigmas Da Educação Financeira No Brasil. **Revista de Administração pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SEBRAE. **Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil**. SEBRAE. 2014. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD> Acesso em: 22 nov. 2019.

SEBRAE. **Sobrevivência das empresas no Brasil**. SEBRAE. 2016. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-102016.pdf> Acesso em: 20 nov. 2019.

SEBRAE. **Anuário do trabalho nos pequenos negócios: 2015**. 8.ed. Brasília, DF: DIEESE, 2017. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/anu%C3%A1rio%20do%20trabalho%202015.pdf> Acesso em: 20 nov. 2019.

SEBRAE. **Análise do CAGED Março/2019**. SEBRAE. 2019a. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/05/Relat%C3%B3rio-do-Caged-de-mar%C3%A7o-2019.pdf> Acesso em: 20 nov. 2019.

SEBRAE. **O Impacto da pandemia de corona vírus nos Pequenos Negócios**. 2ª ed. 2020. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Imagens%20SebraeNA/Pesquisa%20O%20impacto%20do%20Coronav%C3%ADrus%20nos%20pequenos%20neg%C3%B3cios%20-%20Pesquisa%20completa%20%20n%C2%BA2%20\(09042020.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Imagens%20SebraeNA/Pesquisa%20O%20impacto%20do%20Coronav%C3%ADrus%20nos%20pequenos%20neg%C3%B3cios%20-%20Pesquisa%20completa%20%20n%C2%BA2%20(09042020.pdf) Acesso em: 17 out. 2020.

SANTOS, L. R. B.; **Gestão Financeira Na Micro E Pequena Empresa**. 2019. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SILVA, G. O. et al. Alfabetização financeira versus educação financeira: um estudo do comportamento de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 7, n. 3, p. 279-298, 2017.

SILVA, G.; DACORSO, A. L. R. ; MONTENEGRO, L. M. . Mais do que negócios abertos, mentes abertas. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 5, p. 03-23, 2016.

SILVA, L. F. A.; SCHEFFER, A. B. B. A gestão de pessoas nas micro e pequenas empresas: comparando experiências. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.4, n.3, 2015.

SILVIA, T. L.; NASCIMENTO, R. M. L. L. **O Empresário Leigo E A Implicação Da Educação Financeira Em Negócios De Pequeno Porte**. 2019. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em administração) - Unievangélica, Goiás, 2019.

SOBRAL, F.; PECI, A. **Administração: teoria e prática no contexto brasileiro**. São Paulo: Pearson, 2008.

SOUZA, W.; QUALHARINI, E. O planejamento estratégico nas micro e pequenas empresas. In: **III Workshop Gestão Integrada: Riscos e Desafios**. São Paulo. 2007.

SPC BRASIL. **Cresce para 63% o número de consumidores que controlam suas finanças, revelam CNDL/SPC Brasil e Banco Central**. SPC -BRASIL. 2019. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/5873> Acesso em: 22 nov. 2019.

SPC BRASIL. **Seis em cada dez brasileiros não se preparam para aposentadoria, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil e Banco Central**. SPC -BRASIL. 2019b. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/6088> Acesso em: 22 nov. 2019.

SPC BRASIL. **40% dos usuários de cheque especial recorrem ao limite extra todos os meses, aponta pesquisa CNDL/SPC Brasil**. SPC -BRASIL. 2019c. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/6702> Acesso em: 22 nov. 2019.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

VIEIRA, S. F. A; BATAGLIA, R. T. M; SEREIA, V. J. Educação Financeira e Decisões De Consumo, Investimento E Poupança: Uma Análise Dos Alunos De Uma Universidade Pública Do Norte Do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.

VOGEL, J.; WOOD JR, T. Práticas gerenciais de pequenas empresas industriais do Estado de São Paulo: um estudo exploratório. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 2, p. 117-140, 2013.

WISNIEWSKI, M. L. G. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, v. 6, n. 11, p. 155-170, 2011.

WEBER, G. et al.. Relação entre A Educação Financeira de Gestores e PMES e a Performance Organizacional. In: **Anais do 4º Congresso de Gestão e Controladoria da Unochapecó/2º Congresso Furb de Ciências Contábeis: international conference in management and accounting/4º Congresso de Iniciação Científica**. Chapecó(SC) Unochapecó, 2019. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/cogecont/189462-RELACAO-ENTRE-A-EDUCACAO-FINANCIARIA-DE-GESTORES-DE-PMES-E-A-PERFORMANCE-ORGANIZACIONAL>
Acesso em: 09 jan. 2021.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. trad. Daniel Grassi. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZERRENNER, S. A. *et al.* **A influência da Educação Financeira nas Decisões de Consumo e Investimento dos Indivíduos**. 2006. 12f. Apresentação de trabalho/Seminário - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PEQUENOS NEGÓCIOS: UM FOCO NO GESTOR

A presente entrevista tem por finalidade coletar evidências para compreender como a educação financeira do gestor influencia a gestão financeira de pequenos negócios.

Vale ressaltar que as informações obtidas serão mantidas sob sigilo e a sua identidade não será revelada. Agradecemos a atenção de Vossa Senhoria

Nicole Kesley Vasconcelos Reis – UFS

Nome do entrevistado: _____
Data da entrevista: ____/____/____
Entrevistadora: Nicole Kesley Vasconcelos Reis

CATEGORIA DE ANÁLISE: EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO GESTOR

As presentes pautas tem o objetivo de compreender o nível de educação financeira do gestor, e portanto, diz respeito ao gestor como pessoa, independente da empresa.

Elemento de análise: Conhecimento financeiro
--

1. Imagine que você possua R\$ 500,00 e deseja comprar um presente para quatro parentes de forma igualitária. Na sua percepção, qual valor deveria ser destinado ao presente de cada um?
2. Suponha que você possua, reservada em seu cofre particular, uma quantia de R\$ 6000,00 em espécie, e planeja utilizá-la em um ano. É correto afirmar que após um ano essa quantia possuirá o mesmo valor? Por quê?
3. Imagine que o seu dinheiro guardado no banco esteja rendendo durante o ano a uma taxa de juros de 3% ao ano, e que a inflação do período em questão tenha sido de 5% ao ano. Na sua opinião qual a influência da inflação do período sobre o dinheiro guardado no banco?
4. Suponha que você planeje emprestar R\$ 1000,00 para ser pago após dois anos com a taxa de juros de 15% ao ano. Para obter o maior retorno possível, qual regime de juros deveria ser adotado o regime de juros simples ou o regime de juros compostos? Por quê?
5. Imagine que você necessite realizar um empréstimo de R\$ 25000,00 e esteja avaliando duas opções de pagamentos:
 - I. Pagar por dois anos, sob uma taxa de juros de 3% ao ano;
 - II. Pagar por cinco anos, sob uma taxa de juros de 7,5% ao ano.Na sua opinião qual seria a melhor opção? Por quê?
6. Sabemos que todo investimento incorre em riscos, sendo assim, suponha que você deseje investir seu dinheiro em um aplicação e esteja avaliando as seguintes opções:
 - I. A primeira possui baixo risco e uma taxa de retorno de 5% ao ano;
 - II. A segunda possui alto risco e uma taxa de retorno de 6% ao ano.

6.1 Normalmente, na qual dessas opções seria melhor investir? Por quê? Qual a sua opinião sobre a relação de risco e retorno da segunda opção?

6.2 Se a segunda opção tivesse um retorno proporcional ao seu risco seria interessante investir nas duas opções? Porquê?

Elemento de análise: Comportamento financeiro

7. No seu cotidiano, qual seu comportamento financeiro ao fazer compras? Analisa a sua capacidade de pagar antes de realizá-las? Utiliza o crédito sem planejar?
8. Qual seu comportamento frente ao pagamento das contas? Consegue pagá-las em dias ou necessita de empréstimos para cobri-las ocasionalmente?
9. No seu cotidiano, qual seu comportamento financeiro ao gerir suas finanças? Define metas financeiras de longo prazo? Utiliza orçamentos? Consegue mantê-las sob controle? Poupa? Faz investimentos?

Elemento de análise: Atitude financeira

10. Quais são suas atitudes financeiras em relação ao longo prazo? Utiliza planejamento financeiro? Poupa para o futuro? Faz investimentos com foco no longo prazo? Tem um plano para previdência? Prioriza as vontades de curto prazo? Considera importante se preocupar com esse assunto?

GESTÃO FINANCEIRA DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

As presentes pautas tem o objetivo de levantar informações sobre como é feita a gestão financeira da empresa dos pequenos negócios.

Elemento de análise: Uso de ferramentas financeiras.
--

1. Como é feita a gestão financeira do negócio? Utiliza alguma ferramenta para auxiliar e demonstrar a situação financeira da empresa?

Elemento de análise: Planejamento, análise e controle financeiro.

2. Como é feito o planejamento, análise e controle financeiro da empresa? Quais indicadores são utilizados nesse processo?

Elemento de análise: Gestão de ativos.
--

3. Como é feita a gestão de ativos? Com base em quais critérios são tomadas as decisões de investimento? Utiliza algum método ou ferramenta para auxiliar a tomada de decisão?
Observação: entende-se investimento como a aplicação do capital com o objetivo de obter lucro.
4. Todo investimento traz consigo algum risco atrelado, especialmente relativo a liquidez deste. Sendo assim, qual estratégia é utilizada na empresa para reduzir o risco dos investimentos?

5. Como os custos são levados em consideração ao fazer investimentos? Utiliza alguma ferramenta que auxilie a controlar e gerir os custos?

Elemento de análise: Gestão de passivos.

6. Como é feita a gestão de passivos? Com base em quais critérios são tomadas as decisões de financiamento? Utiliza algum método ou ferramenta para auxiliar a tomada de decisão?

Observação: entende-se financiamento como ação de conseguir recursos financeiros, podendo ser próprio ou de terceiros.

7. Quais as fontes de financiamento utilizadas para iniciar e manter funcionamento do negócio?

8. Como é composta a estrutura de capital da empresa? O investimento das atividades da empresa geralmente são financiadas pelo capital próprio ou pelo capital de terceiros?

9. Como está o endividamento da empresa? A empresa já passou por dificuldades neste aspecto?

Observação: entende-se endividamento como a utilização de recursos financeiros de terceiros para financiar o investimento na sua empresa.

Elemento de análise: Gestão do capital de giro.

10. Como é feita a gestão do capital de giro do negócio?

Observação: entende-se gestão do capital de giro (ou da liquidez) a gestão financeira de curto prazo, ou seja, a conversão dos estoques para contas a receber para caixa, ao mesmo tempo, em que este cumpre com as obrigações da empresa.

11. Como está a liquidez do negócio? A empresa já passou por dificuldades financeiras por causa da liquidez do negócio?

12. Quais as dificuldades ou desafios enfrentados pela empresa no que diz respeito à gestão financeira?

ASPECTOS DA GESTÃO FINANCEIRA QUE PODEM SER DETERMINADOS PELA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO GESTOR.

Notas de campo:

APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo de caso intitulado EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PEQUENOS NEGÓCIOS: UM FOCO NO GESTOR, conduzida por Nicole Kesley Vasconcelos Reis. Este estudo tem por objetivo compreender como a educação financeira do gestor influencia a gestão financeira de pequenos negócios.

Você foi selecionado(a) por ser o proprietário e gestor de uma empresa caracterizada como pequeno negócio segundo os parâmetros do Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, instituído pela Lei Complementar nº123/2006 do BRASIL. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A sua colaboração no estudo não implicará em nenhum gasto a sua pessoa, ficando toda despesa necessária a cargo do pesquisador.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista, seguindo o protocolo de segurança da COVID-19, respondendo aos elementos de análise cujas pautas permitirão entender o nível de educação financeira do gestor; e entender como é feita a gestão financeira dos negócios. A entrevista será conduzida pela pesquisadora responsável pelo estudo, no local e hora de sua preferência, sob registro de áudio, mediante a sua autorização.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Caso não se sinta esclarecido, o voluntário pode procurar o pesquisador responsável: Nicole Kesley Vasconcelos Reis, e-mail: nkesley7@gmail.com, telefone: 079 9 9889 8943.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

(Cidade e Estado), ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) : _____